

MARIA DE LOURDES MAZZA DE FARIAS

**NEM ROSA, NEM AZUL: RELAÇÕES DE
GÊNERO NA FAMÍLIA, NA ESCOLA
E NO SINDICATO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa, Educação e Trabalho do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da Professora Dr.^a Naura Syria Carapeto Ferreira, para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

CURITIBA
1998

Talvez a utopia não seja o impossível, consolação que nos conforma para a aceitação resignada do presente. A utopia é a afirmação de que uma outra sociedade, uma vida humana, a liberdade e a felicidade são possíveis. A utopia nasce do sentimento e da idéia do possível. Mas diferença importante, o possível não é o provável. O possível é o que jamais foi feito, no entanto poderia ser feito - é possibilidade e não probabilidade. É o que não possui a menor garantia prévia de que acontecerá é a aporia, à procura de caminho, sem saber de antemão se há caminho e, se houver, se será possível encontrá-lo, se encontrado, se poderá ser percorrido e, se percorrido, onde nos levará.

Marilena CHAUI

AGRADECIMENTOS

A construção de um trabalho de dissertação de mestrado, demanda, todo um processo com várias etapas a serem cumpridas. Muitas delas solitárias. Portanto, gostaria de agradecer primeiramente aquelas pessoas que compartilharam da minha solidão. Especialmente agradeço a minha orientadora e às minhas entrevistadas e entrevistados pela acolhida à minha intrusão em suas vidas.

Não posso deixar de agradecer especialmente a você Cris pela força, por me salvar dos dinossauros, pelo tempo e esforços despendidos além do que eu tinha o direito de pedir, obrigada amiga solidária. Ao Marquinho incentivador dos meus projetos, e a Paulinha pelo tempo que dividiu comigo a mamãe Cris e o papai Marquinho.

O mestrado me proporcionou entre outras coisas, conhecer pessoas interessantes, entre todas, uma se tornou muito especial, companheira constante de estudo, de reflexões. Beti minha amiga para sempre, te agradeço a imensa força.

Agradeço a todo o pessoal do Mestrado pelo apoio. A Acácia pela qualidade de seu trabalho no comprometimento com a pesquisa, por me permitir, apesar de saber o desafio que minha pesquisa representava, pelas críticas

pertinentes, e sobretudo por ter proporcionado a nossa turma encontros quinzenais inesquecíveis.

A meus filhos pelo tempo de dedicação quase que exclusiva ao trabalho, o que me retirou do nosso convívio. À minha mãe, pela sua vida, meu norte. Meu pai pelo incentivo e apoio incondicional, minha irmã amiga que ainda suporta com uma incrível boa vontade o meu mau humor.

Minhas amigas queridas Taninha, Lu, Nádia e Berenice por conservarem viva a nossa amizade enquanto eu concluía o trabalho.

A Andreia pela amizade, estímulo e disposição de compartilhar comigo as mesmas preocupações.

Ao Angelo meu grande aliado na vida.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1 INTRODUÇÃO	1
2 PARA INÍCIO DE CONVERSA	5
3 GÊNERO – UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL	18
4 RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXISTAS: NA FAMÍLIA, NO TRABALHO	
DOCENTE E NO SINDICATO	28
4.1 FAMÍLIA	30
4.2 TRABALHO DOCENTE	36
4.3 SINDICATO	46
5 ELAS FALAM, ELES FALAM, NÓS FALAMOS DE...	55
5.1 FAMÍLIA	58
5.2 TRABALHO	69
5.3 SINDICATO	79
6 UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir sobre as relações de gênero na família, no trabalho docente e no sindicato. Apesar da ênfase no universo feminino, tratamos o gênero em sua dimensão relacional, sendo uma categoria relacional, sua construção vincula-se à construção histórica da humanidade, que se faz nas relações sociais entre mulheres e homens, homens e homens, mulheres e mulheres que são iguais e diferentes entre si. Essa forma de pensar o gênero desconstrói a lógica de oposição binária, para trabalhar as relações entre ambos. As reflexões aqui propostas aparecem profundamente ligadas ao pensamento feminista, que questiona o conceito de “homem universal”, bem como de “mulher universal” para situá-los como pessoas sexuadas, inseridas num tempo histórico e num espaço cultural determinado. As análises presentes nesse trabalho tornam evidente a necessidade de se ter um novo olhar sobre as relações de gênero levando em consideração outras categorias, pois não somos vistas ou vistos apenas pelo nosso gênero, somos também classificadas (os) de acordo com a nossa classe, a nossa raça, a nossa idade. As relações de classe como as relações de gênero são relações estruturantes da sociedade. Essas relações se superpõem, há uma reciprocidade entre ambas, são transversais, invadem e organizam a totalidade das práticas sociais. No entanto as educadoras e educadores não tem dado a devida importância a essa dimensão e tratam o gênero como um dado a mais, e não como um dos elementos junto com classe, raça e idade, fundamental para entender as situações analisadas. Entender os processos de relações (de poder) desiguais entre os gêneros poderá contribuir para que as professoras e professores se dêem conta do quanto há de reprodução na sua prática, em sala de aula, o quanto têm sido instrumento para a perpetuação das desigualdades. No campo sindical a dinâmica interna ao próprio movimento, segundo a fala de grande parte das entrevistadas e entrevistados, ajuda a reproduzir as relações sexistas. Tanto as regras de mercado como da militância sindical mantêm ainda um padrão masculino de inserção. Esse padrão universal, essa suposta universalidade é um mecanismo que ajuda a manter as desigualdades. O imaginário social que discrimina e subordina as mulheres é, afinal, compartilhado por empregados e empregadores. Por outro lado, cresce entre nós o sentimento de que é preciso mudar as relações sindicais, superar a prática do “murro na mesa”, aprofundar a democracia e aproximar o sindicato da vida cotidiana, articulando a produção, o mundo doméstico e o exercício da cidadania.

ABSTRACT

The present paper pretends to reflect about the gender relations of family in the teacher work and syndicate. In spite of the female universe expressiveness, we manage the gender on its relation dimension being a relation category, its construction is bound to the construction of the humanity history, what makes the social relationship between women and men, men and men, women and women, who are equals and different between themselves. This form of thinking gender unbinds the binary logic of opposition, to work the relation between both. The reflection here made are deeply connected to the feminist thinking, which discusses the concept "universal man", as well as the "universal woman", to put them as asexual person, inserted in a historic time and in the determined cultural space. The analysis presents in this paper finds necessary the necessity of having a new look over the gender relations taking in consideration their categories, therefore we are not seen only our gender, but also classified concordant with our class, our race, our age. The class relations with the gender relations are structural relations of our society. These relations superpose, there is a reciprocity between both, they are transverse, invade and organize the totality of social practice. However the "teacher" haven't give such importance to this dimension and treat gender as one more data, and not as one of the elements together to class, race and age, which are fundamental, to understand the analysed situation. To understand the relation process (of power) not equal between gender could contribute to the to know how much there is on production in its practice, in the classroom, what has been the instrument for the inequality's perpetuation. In the syndical camp the inside dynamic to its proper movement, as most of the interviewers say, helps to reproduce the sex relations. As the market rules as the syndical militancy still keep a male standard of insertion. This universal pattern, this supposed universality is a mechanism which helps to keep the inequalities. The social imaginary which absolves and submits the woman and after are shared by employers and employees. To the other side, to increase between us the feeling about the necessity to change the syndical relations, surpass the practice of relations "punch on the table", to deepen the democracy and to bring near the syndicate to the everyday life, articulating the production, the domestic world and the exercise of citizenship.

1 INTRODUÇÃO

As questões relativas à mulher, e mais recentemente os estudos das relações de **gênero**, têm ocupado um espaço muito importante em minha vida. Foi através da minha própria experiência como mulher, engajada politicamente, militante, sindicalizada e partidária, por ter vivenciado diferentes processos, que essas indagações foram surgindo. Como será a vida de outras mulheres com realidades semelhantes? Como elas enfrentam os **preconceitos** e as **discriminações**, principalmente no campo do político um espaço predominantemente masculino e masculinizado?

O que me movia, inicialmente, era saber, se professoras que têm uma inserção maior na vida política social, romperam com determinados conteúdos e práticas políticas predominantes em nossa sociedade. Se romperam, como se dá essa ruptura? Onde ela é feita ?

Para poder trabalhar o meu objeto de pesquisa, deti-me a entrevistar mulheres professoras que tinham ou tivessem tido em um determinado momento de suas vidas algum tipo de atividade militante. Por algum motivo que não sei determinar, talvez por aproximação, acabei entrevistando mulheres na sua maioria com atividades sindicais. Muitas destas mulheres já eram minhas conhecidas e até tínhamos exercido algum tipo de atividade juntas. São ao todo 14 mulheres e 6 homens. Os homens, senti a necessidade de entrevistar depois de fazer uma revisão da literatura e entender que para se falar das e com as mulheres seria necessário também falar com os homens, no entendimento, de que o mundo de um, faz parte do mundo do outro, portanto ambos se definem

reciprocamente e a compreensão de um não poderia ser alcançada sem a compreensão do outro. Então fazia-se necessário ouvi-los para saber qual o entendimento que os homens professores militantes têm de suas companheiras, de si mesmos e de suas relações.

Por muito tempo, a história foi contada como a história dos homens. Como espaço masculino, a política a filosofia raramente colocavam a questão das relações entre os sexos como um fator importante das suas reflexões. O feminismo apesar de não ter um pensamento unívoco é que vem colocar em termos políticos às questões relativa as mulheres e mais recentemente aquelas relativas ao **gênero**. Hoje milhares de trabalhos vêm colocando as mulheres como atrizes sociais. Mas não basta estudá-las isoladamente, precisamos de uma abordagem sexuada da história, isto é, de introduzir na história geral a dimensão das relações entre os sexos, com a convicção de que estas relações não são naturais, mas construídas, modeladas, remodeladas e produtoras de saberes. As estruturas hierárquicas dependem de compreensões generalizadas das assim chamadas relações naturais entre homens e mulheres. As relações de **gênero** vão refletir as concepções de **gênero** que foram incorporadas por homens e mulheres. Mas não apenas refletir, elas vão constituir as concepções de gênero, isto é, a gente se torna homem e mulher através das relações sociais, a sociedade constroi as concepções de feminino e masculino através das relações, dos discursos, das práticas, dos códigos, símbolos. São relações sociais que ao mesmo tempo são relações de poder.

Minha preocupação nesse trabalho não é fazer uma exaustiva revisão bibliográfica, nem tampouco um “estado da arte” das relações de **gênero** no Brasil, mas refletir sobre essas relações entre nós, se há indicadores de novas

formas de relações, novas formas de pensar a política e definir espaços de participação. Apesar da ênfase no universo feminino, tratamos o **gênero** em sua dimensão relacional, dinâmica, em transformação, por entendermos que homens e mulheres são forjados socialmente, portanto **gênero** não é nascer macho ou fêmea, mas se refere às construções culturais e históricas, às representações que a sociedade faz do masculino e do feminino. Optei, no momento da pesquisa, pelo caminho das mudanças cotidianas: os momentos cotidianos da ruptura, o momento da **solidariedade**, e o momento da competição, que divide mulheres e homens. As mulheres militantes fazem um diagnóstico amargo sobre a hierarquia nas qualificações masculinas e femininas para a militância: entre o trabalho das “formiguinhas e o efeito de um belo discurso, que elas muitas vezes não sabem fazer” (LOBO, 1991, p. 250). Enfim, é um convite a partir da história de vida de vinte profissionais, professoras e professores da área de educação para que possamos discutir as relações de gênero, que são tão essenciais à medida que toca não só a nossa vida, as nossas relações, mas alguns temas, idéias e palavras que as significam, que muitas vezes têm um significado ambíguo e até contraditórios na história da cultura humana, como **identidade, igualdade e diferença**.

A não problematização das relações de **gênero** no movimento sindical ainda parte muito da idéia de “**igualdade**”. Então não há razão para introduzir uma diferenciação entre participação masculina e feminina. Mas o mal-estar nas discussões sobre **gênero** está justamente no fato de extrapolar o plano do meramente social para o plano da pessoa e suas diversas relações cotidianas, resvalam, inevitavelmente, para a dimensão dos **sentimentos, da vida, das**

emoções. A **igualdade** remete à **cidadania**, ao universal; a **diferença** remete à pessoa, ao subjetivo. A grande questão está em como tratar a **igualdade** e a **diversidade**, em como respeitar o outro enquanto **igual** e **diferente** ao mesmo tempo. É fundamental que o oposto de **igualdade** é desigualdade, e não **diferença**. Renuncio às perspectivas lineares aos conceitos fixos, para aceitá-los de novo, revistos, enquanto processo, movimento histórico, no tempo. Essa renúncia e esse aceitação não se deram e tão pouco estão se dando de forma tranqüila, me causaram muitas noites insones e muitas dores de cabeça. Tentar romper com uma formação intelectual normativa, masculina, branca, heterossexual, não tem sido fácil; avancei em alguns pontos, em outros, não tanto quanto gostaria, na tentativa de trabalhar as relações de gênero no cotidiano, as pluralidades de masculinos e femininos. Porque as identidades são contraditórias. Elas se cruzam ou se deslocam mutuamente. As contradições atuam tanto fora, na sociedade, como dentro da cabeça de cada um. E nenhuma identidade consegue alinhar todas as diferentes identidades, numa identidade única, abrangente. (HALL, 1997 p. 18).

Nota: para preservar a privacidade das pessoas entrevistadas substituí os seus nomes por outros retirados dos personagens do romance **Os mandarins**, de Simone de Beauvoir. Esta obra, como a própria autora define, constitui a evocação de jovens intelectuais que revolucionaram o mundo com seus pensamentos, palavras e gestos. Também optei por manter as transcrições das falas na forma original, sem desfazer as peculiaridades da linguagem oral, para preservar o tom de conversa.

2 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Os homens e mulheres em todas as épocas em função de suas necessidades foram levados a agir sobre a natureza para transformá-la. Esse trabalho de mulheres e homens com a natureza vai lhes possibilitando conhecer como ela funciona, quais as leis que a regem (tempo de colher, tempo de plantar); vai satisfazendo necessidades e criando outras mais profundas e complexas, dependendo sempre do grau de desenvolvimento das relações que homens e mulheres vão estabelecendo entre si e a natureza, na produção de sua existência (MARX e ENGELS).

Concordamos com a concepção que coloca em última instância como elemento central da história a produção e reprodução da existência (vida imediata) . Mas será importante considerarmos em nossa análise que a produção e a reprodução em todas as épocas foram permeadas por relações entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres. Por que a importância de acentuarmos essa questão como fundamental? Porque a história, seja qual for o ponto de vista do historiador, é na maioria das vezes contada de uma forma masculina genérica, desconhecendo-se assim, o gênero do trabalho.¹

¹ ENGELS e MARX apontam num manuscrito redigido em 1846, que "A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos. Mais tarde Engels em A origem da família, da propriedade privada e do estado vai acrescentar que "o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino.

As informações que temos acerca das sociedades primitivas são contraditórias e diferentes entre si, tornando, assim, difícil sabermos a situação da mulher. Eram povos coletores, viviam do que a natureza lhes oferecia, não podiam nesse estágio aumentar os recursos naturais disponíveis, pois não tinham qualquer controle sobre a natureza e viviam em condições de extrema pobreza.

Essa situação de pobreza fundamental só foi modificada de forma durável pela formação de técnicas de cultura do solo e de criação de animais. A técnica da cultura do solo, a maior revolução econômica da existência humana, é devida às mulheres, tal como uma série de outras descobertas importantes da pré-história, nomeadamente a técnica da olaria e da tecelagem. (MANDEL, 1992, p. 16)

Já na Antigüidade a mulher tinha como tarefa central a reprodução da espécie (gerar, amamentar, criar) e outras atividades ligadas ao plano doméstico (fiar, tecer), que eram consideradas de pouco valor para aquelas sociedades; a arte e a política, tinham um espaço de discussão próprio e eram atividades exclusivamente masculinas. Conhecer e pensar eram coisas proibidas às mulheres e, quando permitidas, o eram apenas às cortesãs que desfrutavam de um conhecimento e aperfeiçoamento para melhor agradar aos homens em seus momentos de distração e relaxamento. "Temos as prostitutas para o prazer; as concubinas para os cuidados diários, e as esposas para ganharmos uma descendência legítima e serem fiéis guardiãs do lar." (SALLES, 1982, p. 20).

Essas sociedades eram constituídas de forma que as mulheres livres eram destinadas à procriação da raça, e as escravas para proporcionar prazer aos homens. Os historiadores têm efetuado um minucioso estudo das sociedades, de suas instituições, das técnicas, crenças, costumes, as relações dos indivíduos, descrevendo e comparando-as, mas é Engels quem seguindo o

esquema de Morgan, acentua a relação entre vínculos de parentesco e desenvolvimento das forças produtivas e deduz que, nas chamadas sociedades “primitivas” ou “em desenvolvimento” onde a produção é limitada, os vínculos de parentesco extenso formam freqüentemente a essência das obrigações de um indivíduo e envolvem as próprias instituições políticas e econômicas.

O oposto ocorre nas sociedades desenvolvidas. Disso deriva que a família patriarcal e individual moderna promove o desenvolvimento da propriedade privada, por um lado, e, por outro, faz com que se perca o caráter público da família antiga. É o início da cisão histórica, própria da era burguesa, entre esfera pública e esfera privada, e essa última se desenvolve simultaneamente com a propriedade e a família (ENGELS)

Historicamente, o que podemos perceber é que a maior participação da mulher nas discussões da comunidade e no trabalho “produtivo”, quer dizer fora de casa, está ligada ao afastamento do homem por motivo de guerra. Neste século podemos ainda constatar tal fato, pois as duas grandes guerras fizeram com que as mulheres fossem chamadas a participar com sua mão de obra feminina para que o exército de mão-de-obra masculina fosse liberada para as frentes de batalhas. Porém as mulheres das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foram alheias ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social.

Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental. (SAFFIOTI, 1979, p. 32)

Desde Eva, “aquela” que provocou a expulsão do homem do paraíso, a mulher tem sido uma ameaça constante. Num tempo marcado por desgraças como pestes, guerras, fome, conflitos religiosos, a mulher é novamente colocada como a principal responsável por tais acontecimentos. A chamada “caça às bruxas”, verdadeiro genocídio perpetrado contra o sexo feminino na Europa e nas Américas - tão pouco estudado e denunciado - e que se iniciou na Idade Média, exacerbando-se no século XVI, início do renascimento, é parte da herança de silêncio que recobre a história das mulheres (ALVES e PITANGUI, 1991).

O poder nessa época se estruturava pela posse da terra e era monopolizado pelo clero e pela nobreza. Ao mesmo tempo que se instalou o Tribunal da Inquisição, mudanças profundas no campo da economia e da política desestruturaram o modo de produção feudal da qual não sendo o trabalho considerado um valor em si as mulheres participavam ativamente em todas as profissões. Mulheres, crianças e velhos foram arrancados de suas terras, acusados de bruxaria.

Muitas práticas que hoje seriam incluídas numa espécie de “medicina alternativa” foram condenadas junto com as acusações de copular com o demônio ou de tornar os homens impotentes... se finalmente a “medicina” triunfou sobre a “superstição”, não apenas as bruxas foram queimadas nas fogueiras da Inquisição, mas com elas, a possibilidade de uma ciência médica independente do mercado capitalista. (GUTIERREZ, 1985, p. 46)

Pelo silêncio que sempre imperou quando se trata de mulheres, fica difícil recuperar historicamente a resistência das mesmas, “ (...) poderia-se supor que a busca pela mulher de outras formas de conhecimento e de atuação, castigada como “bruxaria” caracterizaria sua revolta” (ALVES e PITANGUI, 1991, p. 23).
Me parece que a roda da história sempre avançou sobre as mulheres.

O Renascimento é um período em que o trabalho se valoriza como instrumento fundamental para a transformação do mundo; nesse momento o trabalho da mulher passa a ser depreciado, e algumas atividades passam a ser exclusivamente de domínio masculino, as corporações de ofício se fecham à participação das mulheres. Mas elas não deixaram de trabalhar, mesmo porque as condições materiais de existência não lhes davam essa condição.

O século XVIII é marcado por grandes revoluções e conseqüentemente pela intensa participação da população no campo da política. A idéia de igualdade e liberdade se baseia nos direitos do indivíduo que se fundam e tomam forma sobre a propriedade privada. As mulheres participam ativamente da revolução francesa, no entanto seus direitos não são garantidos pela revolução. Elas representavam o privado e sua participação ativa era rejeitada. "Os próprios revolucionários sentiram a necessidade de marcar um limite intransponível, de mostrar claramente que as mulheres estavam do lado privado e os homens do lado público". (HUNT, 1995, p. 51). Esse é um momento histórico em que o movimento de mulheres toma uma forma de ação política organizada. As mulheres apresentam, então, um documento à Assembléia Nacional (1789) em que afirmam o domínio do sexo masculino sobre o feminino:

Destruíste os preconceitos do passado, mas permitistes que se mantivesse o mais antigo, que exclui dos cargos, das dignidades, das honrarias e, sobretudo, de sentar-se entre vós, a metade dos habitantes do reino (...) Destruíste o cetro do despotismo... e todos os dias permitis que treze milhões de escravas suportem as cadeias de treze milhões de déspotas. (ALVES e PITANGUI, 1991, p. 33).

Já no século XIX havia um movimento de mulheres ativo na Europa e nos Estados Unidos. Esses movimentos queriam pôr em prática princípios iluministas e seu objetivo era lutar para que as mulheres tivessem as mesmas chances de

formação educacional, para com isso poderem ter acesso às mais variadas profissões e também lutar pela paridade política, o que possibilitaria às mulheres ocupar cargos políticos no parlamento e, por que não, o governo. Por essa época surgem as primeiras advogadas, médicas, juristas, cientistas, economistas, engenheiras.

O sufrágio universal foi uma das principais conquistas que os homens trabalhadores obtiveram no século 19. Essa luta por cidadania não incluía no entanto o voto feminino. Essa foi uma luta específica das mulheres e muito longa. No Brasil, data de 1910 (ALVES e PITANGUI, 1991). Foi um movimento liderado por uma elite feminina letrada, culta e de maior poder econômico. O direito de voto das mulheres nas mesmas condições que os homens é decretado em 1932, no governo Vargas e ratificado pela Constituição de 1934.

Essa luta por direitos civis fortalecia e aprofundava a reivindicação das mulheres pelo direito a educação, pois a educação, além de ser só privilégio de alguns, era diferenciada por sexo; existia a educação das meninas, e educação dos meninos. Nesse momento a afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com a necessidades de liberar mão-de-obra feminina para as frentes de trabalho de maior participação social, embora esse processo venha ocorrer devido a necessidade de liberar o exército de mão-de-obra masculina para as frentes de batalha. Essa absorção da força de trabalho feminina na indústria emergente torna-se um importante fermento na luta das mulheres .

Mesmo assim, a mulher é colocada como força de reserva, desvalorizada, sendo super-explorada em longas jornadas de trabalho, recebendo na mesma função salário menor que o homem. Essa situação leva as mulheres a se integrarem às lutas e greves dos trabalhadores, tanto quanto para despertar sua

própria discriminação, passando assim a ter um papel mais destacado nas lutas de interesse nacional.

Com o término da guerra, novamente o papel da mulher é questionado, novamente ela é chamada ao lar para ser esposa, mãe e dona-de-casa. O trabalho externo da mulher sofre novamente desvalorização. No final da década de sessenta, num contexto de lutas por liberdade e igualdade, o movimento de mulheres começa a ganhar evidência e força no cenário político internacional. Denunciando a condição de exclusão da mulher, construída nas diferenças percebidas entre os sexos, diferenças que na elaboração social passam a desigualdades, desigualdades que se expressam ao nível da razão e do afeto, do público e do privado, do trabalho, do prazer e do desejo. Então esses movimentos vêm dar conta da existência dessa condição de opressão. Essa denúncia da manipulação da mulher nas sociedades capitalistas ecoou com força no mundo todo. No panorama nacional, desta vez as mulheres mobilizadas eram em maior número e pertenciam a grupos diferenciados: donas de casa, intelectuais, professoras, operárias, advogadas, empresárias.

No contexto de autoritarismo que marcou o início do movimento no Brasil, os problemas "gerais" da sociedade eram prioritários em relação aos problemas "específicos" das mulheres. E as mulheres trabalhadoras tinham prioridade sobre as outras - marcas da vinculação do movimento com a esquerda marxista (Sarti, 1988). Num país em que a miséria, o desemprego, o analfabetismo, a extrema concentração de renda, a ausência de liberdades civis atinge a imensa maioria da população, o desenvolvimento do movimento feminista esteve profundamente ligado às lutas democráticas em oposição ao regime militar. No processo de

abertura lenta e gradual a que fomos submetidos (as), o movimento de mulheres começa a se tornar visível.

O Ano Internacional da Mulher (1975) celebrado pela ONU abre caminho para inúmeras discussões e organização de coletivos femininos; a organização do Movimento Feminino pela Anistia, no mesmo ano, foi fundamental para sua ampliação. Mas o feminismo enquanto ideologia e prática, apesar de as feministas estarem participando ativamente do movimento de mulheres, ficou restrito a apenas um setor do movimento. Somente a partir de 1978 o movimento de mulheres se consolida enquanto força emergente no quadro político nacional. As feministas apresentam aos candidatos a eleições parlamentares em um grande número de cidades brasileiras documentos contendo suas reivindicações, condicionando seu apoio ao compromisso dos candidatos com essas reivindicações. A volta de mulheres do exílio, onde haviam recebido a influência de um movimento feminista atuante, ajuda a fortalecer a tendência feminista, no movimento de mulheres (SARTI, 1988). As eleições de 1982 foram particularmente importantes, pela primeira vez pós-64 poderíamos eleger governadores(as). As mulheres concentraram seu apoio na oposição, entre partidos de esquerda.

Começa a aparecer candidatas na arena política identificadas com o feminismo. Neste período a participação política das mulheres sofre uma mudança de qualidade que ira desembocar na Constituição de 1988. Esta Assembléia conta com a participação de vinte e seis mulheres e quinhentos e trinta e três homens, o que representa a maior participação de mulheres no Legislativo Federal.

A vigência da Constituição Federal de 1988 representa um imenso avanço na situação jurídica da mulher brasileira. As conquistas ampliam-se nas Constituições Estaduais de 1989 e nas Leis Orgânicas Municipais de 1990. No entanto, essas conquistas não se traduzem nas modificações correspondentes da legislação ordinária.

Em seu livro **O Segundo Sexo** (1970), Simone de BEAUVOIR afirma que não era a natureza feminina que limitava as mulheres tornando-as seres inferiores, mas sim um conjunto de preconceitos, costumes e leis arcaicas das quais elas eram mais ou menos cúmplices, e podemos dizer que ainda o são em grande medida. As idéias feministas, em que pese suas várias interpretações, desencadeiam um processo de crise no interior de partidos e organizações de esquerda, de questionamento e ruptura com as concepções vigentes acerca da separação entre o político e o pessoal o público e o privado, com as inevitáveis consequências disso em nível da elaboração teórica, que se choca com uma maneira tradicional de fazer política (autoritária, burocrática e manipulatória).

O marxismo tem sido um campo privilegiado de interlocução do pensamento feminista, embora esse debate se amplie cada vez mais nos campos da psicanálise, pós-estruturalismo e pós-modernismo.

Para SORJ, em que pese as diferenças que separam ambos em termos substantivos (esfera da produção X reprodução, esfera do mercado X doméstico, público X privado), as homologias entre ambas são poderosas e completa

Da mesma forma que o Marxismo produziu uma teoria inclusiva, compreensiva, sobre o desenvolvimento histórico da sociedade calçada na idéia da luta de classes, a teoria feminista colocará a opressão da mulher no centro de suas formulações, dando-lhe, finalmente, um estatuto teórico equivalente ao da exploração de classe. (1992, p. 16)

De qualquer forma, a classe não é como alguns cientistas querem,

(...) uma categoria estática - uma certa quantidade de pessoas colocadas nesta ou naquela relação com os meios de produção... A classe, na tradição marxista, é (ou deveria ser) uma categoria histórica, descrevendo pessoas em relação, ao longo do tempo, e as formas pelas quais elas se tornam conscientes de suas relações, se separam, se unem, entram em luta... Portanto a classe é uma formação "econômica" e é também uma formação "cultural", é impossível dar qualquer prioridade teórica a um aspecto em detrimento de outro o que muda, na medida em que o modo de produção e as relações produtivas mudam, é a experiência de homens e mulheres que mudam² (THOMPSON *apud* OZGA e LAWN, 1991, p. 148)

A tentativa de igualar classe e gênero enquanto conceitos explicativos centrais é evidenciada em um conhecido trabalho de Catherine Mac Kinnon, onde afirma que:

(...)o feminismo pensa a sexualidade da mesma forma que o marxismo pensa o trabalho: como uma atividade construída e, ao mesmo tempo construtora, universal mas historicamente específica, composta da união entre matéria e mente. Da mesma maneira que a expropriação organizada do trabalho de alguns em benefício de outros define uma classe - os trabalhadores - a expropriação organizada da sexualidade de alguns para o uso de outros define o sexo, mulheres. A heterossexualidade é sua estrutura, gênero e família suas formas fixas, os papéis sexuais suas qualidades generalizadas à "persona" social, a reprodução uma consequência e o controle seus resultado. (SORJ, 1992, p. 16)

As relações de classe e as relações de gênero são relações estruturantes da sociedade. Essas relações se superpõem. Entretanto, o conceito de gênero (ou de construção social do sexo) é muito mais recente que o de classe social, e destaca que a exploração, base das relações antagônicas entre as classes, não dá conta de explicar a opressão sofrida pela mulher, e que as relações de classe são sexuadas e que, portanto, há uma reciprocidade entre ambas. Valeria dizer,

²THOMPSON, E. P. **Tradición, revolta y consciencia de classe.** (Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial) Editorial Crítica. 1979. Nesse trabalho o autor apresenta sua proposta de estudo da classe operária afirmando que a classe é definida pelos homens ao viver sua própria história.

as relações de gênero são perpassadas por pontos de vista de classe e vice-versa (HIRATA e KERGOAT, 1994, p 93-100). Assim Coloca em xeque a premissa da esquerda de que resolveríamos primeiro as desigualdades de classe, para num segundo momento resolvermos as opressões ligadas às construções sociais de gênero. As relações de classe e de gênero são transversais na sociedade como um todo, invadem todos os campos do social.

A dinamização de uma esfera (classes sociais, produção) não pode deixar de ter efeito sobre a dinâmica de outra. Tal afirmação redundante em denunciar o postulado (quase sempre implícito) segundo o qual essa relação social só se exerce em determinado lugar. Na realidade, relações de classe e de sexo organizam a totalidade das práticas sociais, em qualquer lugar que se exerçam. Em outras palavras: não é só em casa que se é oprimida nem só na fábrica que se é explorado (a)! (*idem, ibidem*, p.96).

O pensamento feminista parte da constatação segundo a qual a estrutura das relações entre homens e mulheres é uma estrutura de poder, que assegura a dominação daqueles sobre estas. Partindo deste ponto comum, o pensamento feminista diversifica-se infinitamente. A forma como se concebe o poder é determinante para se entender a multiplicidade no pensamento feminista (o poder unilateral, masculino/poder relacional entre os gêneros). Inicialmente a teoria feminista esforçou-se por entender e reinterpretar diversas categorias teóricas de forma a tornar as atividades das mulheres visíveis também no plano dos diferentes discursos e teorias.

“Se a natureza e a atividade das mulheres são tão sociais quanto a dos homens, nossos discursos teóricos deveriam ser capazes de revelar nossas vidas com tanta clareza e detalhe quanto supomos que as abordagens tradicionais revelem as vidas dos homens” (HARDING, 1993, p.7).

Essa necessidade de provar efetivamente a presença de mulheres em acontecimentos passados, na convicção de que a presença da mulher fora apagada da história, denuncia o androcentrismo das ciências humanas, questionando o conceito de “homem Universal”, sujeito e paradigma das teorias da modernidade. Essa operação resgate, ao mesmo tempo em que dá visibilidade histórica a mulher e desvela a opressão, a subordinação, as injustiças, as violências sofrida pelas mulheres, reproduz na teoria e na prática política a tendência de “Universalizar a mulher”, produzindo uma única definição do feminino e gerando um discurso essencialista.

Os anos oitenta vêm inaugurar uma revisão crítica do feminismo, do conceito de igualdade, de identidade, de diferença, uma única natureza feminina. No peso dado nos anos sessenta à opressão comum que todas as mulheres sofriam, é colocada a diversidade existente entre mulheres, segundo a classe, a raça e a cultura. O conceito de gênero passa a ser utilizado por algumas estudiosas feministas; outras não o usam, e não concordam com ele.

Portanto dentro desse campo há vertentes as mais diversas para trabalhar as questões de gênero, e cada uma elege questões diferentes, problematizam de um modo diferente e priorizam determinados aspectos. Por ser um campo relativamente novo, está longe de ser um campo teórico consensual. Entrei em contato com algumas bibliografias e situações que me levaram a uma outra perspectiva, mas isso tudo não se deu sem dificuldades, de forma tranquila. A nossa sociedade vem operando segundo a ótica de dois mundos, tentei me afastar dessas concepções dicotômicas e dualistas, adentrei um campo em que minha apropriação ainda não tem a maturidade que eu gostaria, é um campo extremamente polêmico, está começando, e sem dúvida este texto estará

refletindo, todas as ambivalências e ambigüidades porque passei para poder construí-lo. Talvez por isso tenha sentido a necessidade de não retirar este capítulo, apesar de ele refletir ainda uma visão bipolar, como um testemunho da minha caminhada, na tentativa de desconstrução dessas polaridades.

3 GÊNERO - UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só emergiram no fim do século XX. No Brasil esse conceito começa a ser utilizado na década de 80. A maior parte das teorias construiu suas análises a partir da oposição masculino/feminino, mas o gênero como meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos não aparecia.³

Tentarei a partir das reflexões de algumas autoras estabelecer um caminho para a apreensão de tal categoria.

SCOTT (1990, p. 15-17) define gênero em duas partes e diversas subpartes que são ligadas entre si. Para ela, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as **diferenças** percebidas entre os sexos, e que o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder e implica quatro elementos:

1. Os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e contraditórias).
2. Os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações dos sentidos dos símbolos, esses conceitos tomam a forma típica de uma oposição binária que afirma o sentido do masculino e do feminino.

³Ver a respeito os textos de Guacira Lopes LOURO. **Nas redes do conceito de gênero.** Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

(Esses conceitos tornam-se posições dominantes, e a história é escrita como se essa norma fosse produto de consenso mais do que de conflito).

3. O terceiro aspecto é o rompimento com a noção de fixidez na representação binária do gênero e inclui na sua análise, a política, às instituições e a organização social.
4. A identidade subjetiva, nesse ponto a autora ressalta a importância de se examinar as maneiras como as identidades de gênero são realmente construídas, além de relacionar com uma série de atividades de organizações e representações sociais historicamente situadas, pois o gênero é construído no parentesco, na economia, no mercado de trabalho (sexualmente segregado) na organização política.

Segundo GOMARIZ (1992), a idéia geral perante a qual se distingue sexo de gênero consiste em que o primeiro refere-se ao plano biológico de que a espécie humana é uma das que se reproduzem através da diferenciação sexual; o segundo guarda relação com os significados que cada sociedade atribui a tal plano. Portanto gênero são conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir da diferença sexual e que dão sentido, em geral, as relações entre pessoas sexuadas. (De BARBIERI *apud* GOMARIZ, 1992, p. 84).

Esses comportamentos são apreendidos socialmente, pois tanto o masculino como o feminino são criações culturais, e é no processo de socialização que as pessoas vão se conformando de forma diferenciada para cumprir funções específicas. As pessoas vão se conformando a modelos, que significam um conjunto de atitudes, normas e expectativas que definem a

masculinidade e a feminilidade. Romper com essa lógica de raciocínio, bipolar, além de não ser nada fácil, é um desafio, que está ligado a todas as áreas do conhecimento, bem como às práticas cotidianas dos sujeitos históricos.

O estudo de gênero no Brasil como no resto do mundo é muito recente, e poderíamos dizer que por muito tempo foi sinônimo de estudos sobre a mulher. Sem dúvida, os estudos sobre mulheres foram fundamentais para se entender o “**sexismo**” (discriminação de um dos sexos) como as relações de gênero em nossa sociedade são assimétricas, como a mulher é **oprimida**, por conta da construção social e **subordinada** do feminino. Esses estudos são importantes no sentido de dar **visibilidade** às mulheres. Mas estas constatações abalam muito pouco os paradigmas teóricos mais amplos.

Da década de 80 para cá, várias (os) estudiosas (os) têm utilizado o conceito de gênero para sugerir que “(...) a informação sobre mulheres é necessariamente informação sobre homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1990, p. 7). Essa forma de pensar o gênero desconstrói a lógica de oposição binária, para trabalhar as relações entre ambos. Isso quer dizer que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens e vice-versa, e que “não se trata de constituir um novo território que será a história das mulheres, tranqüila concessão onde elas poderão se lamentar à vontade ao abrigo de toda contradição, mas de mudar o olhar a direção do olhar histórico, colocando a questão da relação entre os sexos como central” (LOPES, 1980, p. 26).

Foram as reflexões feministas que motivaram a utilização do gênero enquanto categoria de análise das relações sociais entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, entre homens e homens. Embora em muitos casos torne-se corrente usar gênero como sinônimo de mulher (isso se explica pelo fato de o

poder ser distribuído de forma desigual entre os sexos, essa constatação leva as mulheres a questionarem conceitos e metodologias consagradas, além de formular um projeto para sua **emancipação**), a emergência da problemática das **relações de gênero** aparece profundamente ligada ao feminismo enquanto prática, movimento, “teoria” (LOBO, 1991). O que tem sido criticado por algumas feministas é a permanência da **fixidez** da oposição binária entre masculino e feminino, levando muitas vezes a uma discussão essencialista, “(...) pois pressupõe uma visão única da condição feminina, o que não é aceitável, quando se rejeita o determinismo biológico enquanto explicação da persistente desigualdade entre os sexos” (SORJ, 1992, p. 16-17). A construção do gênero enquanto categoria de análise avança a medida em que nos permite pensar as qualidades humanas, desconstruindo a polaridade masculino, feminino. Pensando não mais as polaridades, mas sim as **pluralidades**. Gênero seria, assim, um conceito relacional em que cada um desses pólos se complementa, sendo um constitutivo do outro. Sendo uma categoria relacional, sua construção vincula-se à construção histórica da humanidade, que se faz nas relações sociais entre mulheres e homens, homens e homens, mulheres e mulheres que são **iguais e diferentes** entre si. O que nos leva a pensar na pluralidade social, e na existência não de uma única feminilidade ou masculinidade e, sim, de várias e múltiplas.⁴

Homens e mulheres são, evidentemente, diferentes. Mas não são tão diferentes como dia e noite, terra e céu, yin e yang, vida e morte. De fato, do ponto de vista da natureza, homens e mulheres estão mais perto um do outro do que qualquer outra coisa - por exemplo, montanhas, cangurus, ou palmas de coqueiro. A idéia de que homens e mulheres são mais diferentes

⁴ Ver o texto de Guacira Lopes LOURO. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 1995.

um do outro do que qualquer outra coisa deve provir de algum lugar que não seja à natureza (RUBIM apud CORNELL e THURSCHELL, 1987, p. 171).

A ordem social diferente das florestas, mares e rios, é um produto humano. As divisões humanas não parecem mais tão naturais, como eram consideradas antigamente, onde as atividades humanas nos aparecia como regidas por leis naturais, fatalidade da qual não podíamos nos esquivar. Ela nos aparecia tão natural quanto a natureza mesma. Embora a divisão entre sociedade e natureza, varie muito, e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia nos ofereça inúmeros exemplos da ampliação do âmbito da cultura sobre o que antes era considerado como próprio da natureza, o que se destingue de novo não é a “natureza” ou a “sociedade”, mas a distinção entre elas. Hoje a condição humana aparece mais como produto da lei, da administração e manipulação deliberada de homens e mulheres.⁵

A plasticidade das identidades se impõe, os padrões rígidos nos distanciam da evolução dos tempos. A luta das mulheres por **igualdade de direitos**, de oportunidades, de escolher seus companheiros afetivos, sexuais, casar ou não, ter ou não filhos, ir a qualquer parte, quebra a noção de domínio historicamente reservado ao masculino. Começa a esvanecer, apaga-se pouco a pouco, na maioria das sociedades ocidentais, a linha que separa os campos da masculinidade e da feminilidade, da maternidade e da paternidade. A saída maciça da mulher do ambiente doméstico para o mercado de trabalho lhe permite romper com determinadas relações na **família** e na sociedade. Essas transformações no modo de viver das mulheres, entretanto, em muitos casos

⁵ Sobre essa visão ver o texto de Bila SORJ. O feminismo como Metáfora da natureza. **Estudos Feminista**, Rio de Geannetteiro. 1992.

sobrecarregou-as em duplas e até triplas jornadas de trabalho, pois muitos homens ainda não dividem com suas companheiras as tarefas domésticas. E muitas vezes para romperem com o casamento, separam-se levando os filhos e tendo que arcar sozinhas com a educação e o sustento deles. Esse reconhecimento da sua não **submissão**, essa disposição de fazer a história a sua maneira, ser sujeito do seu destino, abala os homens, abala a família e abala profundamente os paradigmas que se estruturavam na base das **diferenças** genitais (biológicas) e que foram historicamente transformando-se em **desigualdades** sociais, que atingia, e ainda atinge, diretamente as mulheres. Muitos homens se sentiram e se sentem abalados, mas reconhecem isso como um avanço. Têm discutido e procurado avançar junto com suas companheiras. Como podemos verificar neste depoimento:

Eu acho que as mulheres têm avançado muito, quem não tem avançado são os homens, e eu me incluo entre eles . Eu percebo que isso coloca o homem em crise, embora eu já estar trabalhando com isso a bastante tempo, teoricamente, eu sou alguém que tem leitura a esse respeito, sobre a questão da mulheres, a organização das mulheres, eu acho que li mais do que a minha companheira, tenho mais discussão teórica, e isso deveria significar que eu deveria estar preparado para enfrentar isso. Mentira, não estou preparado não e tenho percebido e discutido isso com a minha companheira.” (LAMBERT)

Muitos homens, mesmo entrando em crise, conseguem perceber que acabar com o sexismo nas relações de gênero é um papel também do homem, apesar de ele ser o principal beneficiário do machismo. Não tem sido fácil para as mulheres por terem sido mais oprimidas, mas também não tem sido fácil para os homens, porque isso está no disciplinamento do corpo, da vida dos costumes, o papel que cada um tem. Romper com isso não é fácil, por causa das **representações** existentes. O que torna um homem “homem”, uma mulher “mulher”? Quantas são as combinações possíveis entre homens e mulheres,

mulheres e mulheres, homens e homens? Será que as relações entre as pessoas não vão além desses papéis preestabelecidos?

A dinâmica do gênero está em justamente podermos falar das “feminilidades” tanto quanto da “masculinidades”, tanto em uns quanto em outras, portanto

(...) o gênero é muito mais que interações face a face entre homens e mulheres (...) o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade (...) O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos “papéis de sexo” ou a biologia reprodutiva sugeririam.” (CONNEL, 1996, p.189)

Essa reflexão nos leva a entender que devemos repensar e recriar a **identidade** de gênero sob um ponto de vista em que a pessoa, seja homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a estereótipos, que negam dimensões importantes da vida para ambos. Só dessa maneira as qualidades humanas, que são tanto masculinas quanto femininas, podem ser vivenciadas tanto por uns (umas) quanto por outras (outros) sem constrangimentos. Desse modo, concordamos com BUTLER quando ela afirma que,

(...) embora segundo BEAUVOIR nos “tornemos” nossos gêneros, o movimento temporal desse tornar-se não segue uma progressão linear. A origem do gênero não é temporal, descontínua precisamente porque o gênero não é originado de repente em algum ponto do tempo depois do que assume forma definitiva. Sob importante aspecto, o gênero não é historiável a partir de uma origem definível porque, por sua vez, é uma atividade originante que acontece sem cessar. Já não mais entendido como produto de antigas relações culturais e psíquicas, o gênero é um modo contemporâneo de organizar normas passadas e futuras, um modo de nos situarmos e através dessas normas, um estilo ativo de viver nosso corpo no mundo. (1987, p.142)

Esse modo de nos situarmos, de viver ativamente o nosso corpo no mundo, tem a ver com o patrimônio cultural que cada pessoa vai absorvendo durante o seu processo de educação, de sua vida em uma determinada

sociedade. E é esse conjunto de relações que vai lhe possibilitando, ou não, fazer rupturas. E como a partir de então vai estabelecendo relações mais igualitárias.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade apreendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja expressam as relações sociais de gênero) (LOURO, 1995, p.103)

O conceito de gênero amplia uma discussão que por algum tempo foi considerada específica das mulheres. Questiona o conceito de "homem universal", bem como de "mulher universal" para situá-los como pessoas sexuadas⁶, inseridas num tempo histórico e num espaço cultural determinados. Rompe com a noção de sujeito universal, neutro, assexuado. Essa abordagem passa pela desconstrução das polaridades, não para diluir as diferenças mas sim explicitá-las, à medida em que trabalha as relações sociais entre ambos.⁷

A ênfase nas relações supõe um fluxo contínuo de e entre poderes provenientes de múltiplos pontos (hierarquizados, heterogêneos e instáveis) ao mesmo tempo produtores e produzidos em tais interações; esta perspectiva de dispersão, de mobilidade, de transversalidade e encadeamento entre redes sustenta a noção de que poder não é (sempre) algo repressivo, que se possui e/ou conserva, nem é (só) o controle de um

⁶ Lembramos que as pessoas podem ser homossexuais, heterossexuais, bissexuais, podem viver a sua sexualidade de diversas formas, ao mesmo tempo em que podem ser de uma ou outra classe, negras, brancas ou índias. O que significa dizer que as pessoas são atravessadas por várias e múltiplas identidades.

⁷Em seu recente livro **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Guacira Lopes LOURO coloca que "Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o polo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice e versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido". Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

conjunto de instituições, mas, principalmente, um exercício produtivo no jogo das relações sociais. (MEYER, 1996, p.46).

Podemos dizer que:

A categoria gênero teria a ambição maior de atravessar e interrogar todos os campos disciplinares sem reivindicar um território próprio. Trata-se, portanto, de um instrumento de crítica, de construção e reconstrução dos discursos disciplinares. (COSTA, 1996, p.67).

O gênero como conceito relacional que atravessa e interroga todos os campos da vida social está estritamente ligado à discussão que se insere nas fronteiras da modernidade e da pós-modernidade⁸:

Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo- e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar" (BERMAN *apud* HARVEY, 1989, p. 21).

Sendo assim, estamos vivendo um tempo entre teorias gerais e particulares que compartimentam problemáticas que atravessam as relações sociais e ao serem circunscritas a espaços específicos, são isoladas e perdem

⁸ Em **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. São Paulo : Companhia das Letras, 1996. Marshall BERMAN fala do modernismo do séculos XX e XIX ou "O que aconteceu, no século XX, ao modernismo do séc. XIX?. A modernidade é um vir a ser, uma aventura que estamos predestinados desde o início dos tempos?. O pós-modernismo para o autor se esforça para cultivar a ignorância da história e da cultura moderna e se manifesta como se todos os sentimentos humanos, toda a expressividade, atividade, sexualidade, subjetividade Tc, acabassem de ser inventados pelos(as) pós-modernos(as) - e fossem desconhecidos, ou mesmo inconcebíveis, até a semana passada.

todo o alcance e a extensão, o que nos leva a pensar com HARVEY, terá o pensamento pós-moderno:

(...) um potencial revolucionário em virtude de sua oposição a todas as formas de metanarrativa (incluindo o marxismo, o freudismo, e todas as modalidades de razão iluminista) e da sua estreita atenção a "outros mundos" e "outras vozes" que há muito estavam silenciadas (mulheres, gays, negros, povos colonizados com sua história própria)? Ou não passa da comercialização e domesticação do modernismo e de uma redução das aspirações já prejudicadas deste a um ecletismo de mercado "vale tudo", marcado pelo *laissez-faire*? Portanto ele solapa a política neoconservadora ou se integra a ela? ... pode ser considerado uma condição histórico-geográfica de uma certa espécie. Mas que espécie de condição é ele e como deveríamos compreendê-la? É ele patologia ou presságio de uma revolução dos eventos humanos mais profunda e até mais ampla do que as já ocorridas na geografia histórica do capitalismo? (HARVEY, 1989, p. 47-294).

Mesmo que de forma parcial, concluímos com SORJ quando, sem pretender prescrever o futuro da teoria e prática feministas⁹, ela discute, sua peculiar inserção nas fronteiras da modernidade e da pós-modernidade, e aponta, que:

(...) aquelas que permanecem, basicamente, no campo da modernidade poderão encontrar no discurso pós-moderno um poderoso antídoto para as tendências totalizadoras e até mesmo intolerantes, presentes em seu discurso. Por outro lado as feministas pós modernas não podem desconhecer que a modernidade, como um campo unificado do social, continua presente demandando um esforço de identificação de dominadores comuns, mais além das afirmações particularistas. (1992, p. 22).

⁹Visto em perspectiva o feminismo é sem dúvida um movimento intelectual, social moderno, que está ligado às promessas da modernidade, direitos civis, direitos da pessoa. A crítica pós-moderna exercerá um forte fascínio junto à teoria feminista ao desacreditar as metas narrativas, a idéia de universalidade e verdades absolutas. Refiro-me especificamente ao feminismo, dado ao fato que grande parte da literatura de que me utilizei para organizar um corpo de reflexão sobre as relações de gênero pertence ao que se convencionou chamar de estudos feministas.

4 RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXISTAS: NA FAMÍLIA, NO TRABALHO DOCENTE E NO SINDICATO

O sexismo é uma prática discriminatória em relação a um dos sexos e é tão condenável quanto a que atinge os indivíduos em função de sua orientação sexual, etnia, religião ou filiação partidária. O preconceito com o qual se liga o sexo desfavorece as mulheres. Estes estereótipos são levados a tal ponto que a valorização de uns (homens) é inseparável da desvalorização de outros (mulheres).

As afirmações de que os homens são fortes, valentes, corajosos, agressivos e as mulheres passivas, sensíveis, delicadas, discretas, são julgamentos sexistas, porque tendem a fazer essas características inerentes ao homem e a mulher. Convivemos com pessoas homens e mulheres, com todas elas nos identificamos um pouco, mas logo que nascemos, a sociedade estabelece que devemos pertencer e viver conforme um destes dois grupos.

“Agindo segundo esteriótipos sexistas, o espírito humano funciona de maneira binária, atribuindo as mulheres qualidades e fraquezas que são negadas aos homens, ao mesmo tempo que estes se veem cumulados de qualidades e defeitos que são negados às mulheres” (MICHEL, 1989, p. 18-19).

Na realidade, não existem qualidades “masculinas” ou “femininas”. O que existem são qualidades humanas. Necessidades humanas. Nascemos bebês (com pênis e vaginas). É a sociedade que nos torna homens e mulheres, dentro de normas, valores, e crenças, em que a heterossexualidade é tratada como estável e natural. Em que o saber sobre a homossexualidade não tem nada a ver com a heterossexualidade.¹⁰ Em que masculino e feminino se constroem em oposição. Este esquema binário, esta dualidade congela características que se encontram de maneira mais predominante, ou de forma mais aguda, em um ou outro grupo, mas sobre as quais nenhum grupo de gênero possui monopólio, nem da experiência, nem dos valores a elas associados. Nossa cultura arranja os relacionamentos entre as populações masculina e feminina dentro de normas heterossexistas, o que perpetua a construção social do gênero de forma fixa. Lésbicas e Gays são **discriminados** por libertarem-se dos rígidos papéis de gênero masculinos e femininos. “ A “homofobia cultural” não é apenas o temor de ser identificado (a) com o homossexualismo, mas também uma crença em que ser gay ou lésbica significa perda da identidade de gênero socialmente construída”. (ARRIOLA, 1994). Se o pensamento funciona em termos de oposição, a força do pensamento crítico é a de não transformá-las em camisa de força ou de meramente inverter a hierarquia de valor, mas ao contrário, de aprofundar nossa visão de como esses pólos se interpenetram na vida social, o feminino no masculino, o privado no público, e vice-versa (SORJ, 1992).

¹⁰Ver BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

4.1 FAMÍLIA

A família é um lugar fundamental de **reprodução** de relações sexistas. É no seio da família que os meninos e meninas recebem uma educação diferenciada, aprendendo diferentes papéis. O menino aprende a ser agressivo, racional, seguro, independente, frio, forte e polígamo, características identificadas à masculinidade. A menina aprende a ser dócil, emocional, insegura, dependente, frágil, bela e monógama, símbolos da feminilidade. A divisão do trabalho entre os pais de acordo com o sexo também reforça essa identificação, uma vez que os homens não são socializados para a vida no lar. A questão do desemprego é interessante como exemplo. A mulher pode, entre aspas, ficar desempregada sem culpa, afinal ela volta ao lar onde é “o seu lugar”, e ainda pode aproveitar para ter mais um filho. Já o homem que fica desempregado sofre uma carga arrasadora, ele não pode ficar em casa, cuidar dos filhos, ocupar-se dos trabalhos domésticos e, assim, assumir a estruturação da casa e divisão de tarefas; ao contrário, ele é prisioneiro das ruas, geralmente vai para o bar afogar as mágoas.

Hoje sabemos que a família monogâmica aparece em cena com a finalidade primeira de procriar filhos de paternidade incontestável.

Portanto, a monogamia não surge absolutamente na história como uma espécie de reconciliação entre o homem e a mulher, e menos ainda como a forma mais elevada de família. Comparece em cena sob a forma da sujeição de um sexo ao outro, da proclamação de um conflito entre os sexos até aquele momento desconhecido na história. A primeira opressão de classe manifesta-se com a opressão do sexo feminino por parte do masculino. (Engels, p. 90-104)

Os historiadores têm observado que a tendência a relegar a mulher ao espaço privado data do final do século XVIII. A Revolução Francesa impulsiona essa evolução nas relações entre os homens e as mulheres e na concepção de família, “ (...) porque a Revolução tinha demonstrado os resultados possíveis (e o perigo para os homens) de uma inversão da ordem ‘natural’” (HUNT, 1995, p. 51). Mas é no século XIX que as mulheres são relegadas à esfera privada de uma forma bem mais profunda. Cada gênero era diferenciado por natureza, e por isso com características muito próprias.

A mulher então considerada muito frágil pela sua natureza, devia ser protegida do mundo público e é convertida assim no símbolo do privado; cumpridora de seus deveres familiares, cuidando do marido e dos filhos, constituía o centro da família. Enquanto o homem vai ser definido por suas atividades exteriores, a vida pública, as mulheres vão se distanciando cada vez mais desse mundo, fazendo da maternidade e da administração do lar sua profissão. Vai se fundando, assim, a masculinidade dependente da capacidade de o homem prover a sua família e a feminilidade sobre a mulher dependente, dedicada exclusivamente ao lar. As mulheres que trabalhavam fora eram tidas como pouco femininas, pelo menos entre a burguesia. Para as mulheres das classes trabalhadoras, era um pouco diferente:

As mulheres podiam ter um ofício, se fosse um prolongamento de seu papel feminino “natural”. Não se considerava inconveniente que as empregadas domésticas limpassem, cozinhassem e cuidassem das crianças. O ofício de costureira ou de modista também era compatível da mesma forma que as profissões ligadas a alimentação. Mas certos ofícios executados por mulheres eram considerados totalmente incompatíveis com a natureza delas, principalmente se fossem exercidos num ambiente misto. (HALL, 1995, p. 81).

Esses ambientes mistos eram principalmente as minas, onde as mulheres pobres dividiam com seus companheiros as péssimas condições de trabalho. Elas detestavam essas condições, mas precisavam desse dinheiro. Os mineiros, tanto quanto a burguesia, não viam com bons olhos esse ofício para as mulheres. Se para os primeiros era uma afronta à moral pública e ameaçava à família operária, para os segundos não era só o fato de suas mulheres, como as burguesas, terem direitos a uma vida digna fora das minas, mas de que o trabalho feminino era uma ameaça, pois a presença das mulheres mantinha baixos os salários.

Assim é que, ao mesmo tempo que os homens (operários) são considerados trabalhadores, as mulheres são relegadas ao papel de apenas esposas e mães. A criança¹¹ que começava a ser uma preocupação da sociedade como um todo, como ideais de cidadania “o filho da pátria”, passa a ser o filho da mãe. O filho aparece na história como preocupação da mulher. Os conceitos baseados na diferença biológica entre os sexos ganham força e se justificam na forma de estruturação familiar.

A família é a garantia da moralidade natural. Funda-se sobre o casamento monogâmico, estabelecido por acordo mútuo; a família torna-se assim a pedra angular da sociedade moderna, átomo da sociedade civil, é a reponsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade...Como célula reprodutora, ela produz as crianças e proporciona-lhes uma primeira forma de socialização. Garantia da espécie, ela zela por sua pureza e saúde. Cadinho da consciência nacional, ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. É a criadora da cidadania e da civilidade. (PERROT, 1995, p.105)

¹¹ Ver **História social da criança e da família** de Philippe ARIÈS, 1991. Zahar Editores. Nessa obra ele desenvolve o quadro de transformação por que foi passando a criança e a família. Leitura fundamental. Também sobre esse tema, ver **O sexo e o ocidente** de Jean Louis FLANDRIN, especificamente o Cap. III.

A educação sexista é dada primeiramente pela família seguindo **estereótipos** que são construções sociais de como o masculino e o feminino são percebidos. Essas construções culturais se fundamentam nas diferenças biológicas, e é dentro da família primordialmente que se dá essa “naturalização” de um processo que é cultural. Então, vamos formando as nossas **identidades** tendo o homem (masculino) de um lado e a mulher (feminino) do outro, como “modelos”. Existem uma infinidade de exemplos que podem demonstrar essas diferenças construídas.

O homem pode brigar, pode sentir mas não deve demonstrar ; homem não chora, não pode ser muito vaidoso, deve ser o cabeça do casal, não deve ser servil dentro de casa; pode ter músculos, mas demonstrar o afeto que tem por outro homem que não seja seu pai, ou avô apenas com tapinhas. Já a mulher deve ser passiva, sensível e delicada; não deve competir com o homem, deve ser mãe e responder pela educação e solicitação dos filhos; pode trabalhar fora desde que mantenha a casa, e de preferência seus rendimentos devem ser menores que as de seu companheiro, para não desestabilizar a vida do casal; pode ser afetiva e, uma qualidade fundamental, deve ser recatada e discreta. Tudo que fugir a essas regras é indicativo de problema. E esses são os modelos que devem ser incorporados pelas pessoas, sob pena de serem marginalizadas ou mesmo encaminhadas para tratamento psiquiátrico.

Dentro dessa perspectiva, muitas pessoas aprendem a se esconder, então aprender a se esconder passa a fazer parte do capital social da pessoa (BRITZMAM, 1996). Refiro-me aqui mais especificamente à questão da homossexualidade, bissexualidade, ou outra forma de opção que não seja a heterossexual.

Nenhuma identidade sexual - mesmo a mais normativa - é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida, e de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é uma construção instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada. É uma relação social no interior do eu, e com os "outros" seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física. (BRISTMAN, 1996, p. 74).

Hoje, a partir das lutas dos gays, das mulheres, e das transformações ocorridas na sociedade (o direito da pessoa, a cidadania), aceita-se com mais facilidade a idéia da diversidade sexual, como uma maneira legítima de assumir a sexualidade. Mas em alguns meios como a Igreja e mesmo a família ainda é tratada como perversão ou doença, o que dificulta o entendimento de que a sexualidade diferente do sexo é uma construção social, contraditória e complexa, não acabada. "Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade - que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação" (LOURO, 1997, p. 27). A falta desse entendimento reforça a idéia do masculino e do feminino, sempre em oposição, para sexos diferentes, atitudes diferentes.

Essas diferenciações são tão evidentes que até há pouco tempo se preferia o nascimento do filho homem ao da filha mulher, ou pelo menos a expectativa era bem maior na espera do bebê do sexo masculino. A menina também é esperada, depois do menino. Ainda no útero os bebês já estão predestinados a seguir este ou aquele modelo, vale dizer, que essa separação

entre masculino e feminino, do mundo público para as meninas e do mundo privado para meninos, já se determina desde antes do nascimento.

Os meninos são esperados para grandes coisas, vencer na vida, realizar descobertas, ajudar no sustento da família. A menina é esperada para fazer companhia à mãe, ajudar nos afazeres domésticos. Nos primeiros anos de vida, a educação em família é fortemente domesticadora, tanto para os meninos quanto para as meninas.

Em algumas sociedades, os homens já começam a dividir com suas companheiras o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos. No Brasil são raros ainda os homens que entendem como tarefa sua também esse trabalho. Por que os homens na sua maioria não aceitam fazer trabalhos domésticos? Porque não são socializados para isso. As meninas são orientadas para brincadeiras que se referem a esse mundo doméstico, brincando de casinha, de boneca e ajudando em pequenas tarefas, e se ela se direcionar para outro tipo de atividade, logo aparecerá alguém para protegê-la ou repreendê-la.

Sabemos que cada vez mais os meninos brincam de casinha e as meninas chutam bola, mas os modelos continuam, tanto que podemos perceber o quanto as meninas se sentem atraídas pelas brincadeiras de “meninos”, mas estes quase nunca se sentem atraídos pelas brincadeiras de “meninas”, obviamente pela carga cultural de valorização e de conformação que há em cada uma delas, e também porque esse tipo de trabalho ameaça a sua virilidade. Essas diferenciações ainda são muito fortes e perpassam de maneira sutil todos os espaços da vida cotidiana. Se formos em uma loja e pedirmos um presente para uma criança, ouviremos imediatamente “menino ou menina”?

Concordamos com WITHAKER, quando ela afirma:

Nada mais democrático do que o pluralismo - exaltação e convivência entre os diferentes. O lado negativo da diferenciação entre os seres humanos ocorre quando as diferenças são interpretadas como inferioridades dos "diferentes", o que se faz evidentemente tomando como padrão, em nosso tipo de sociedade, o indivíduo do sexo masculino, branco, cristão e ocidental. (1990, p.41).

O ser humano tem um potencial enorme para a diferença que não pode fazer parte de uma criação em oposição, pois isso cria uma dualidade de pensamento que violenta, desde a mais tenra idade, tanto meninas como meninos.

4.2 TRABALHO DOCENTE

Depois da família, a escola é o lugar mais importante de socialização da criança, é a primeira experiência de relações fora do círculo familiar, e nenhuma outra instituição exerce tanta influência sobre a pessoa quanto a escola. Por isso é importante compreendermos o papel que ela desempenha no reforço ao sexismo, porque nela se transmitem valores da cultura, valores da sociedade, pois o mesmo esquema hierárquico (autoritário-burocrático) da sociedade informa a escola. O sexismo aparece logo que se faça uma análise, mesmo que superficial, na conformação do espaço/tempo, no tipo de ensino, nos textos e livros didáticos, nas atividades, na divisão do trabalho, nas relações de trabalho, nas relações professor(a) alunos(as), nos jogos.

Há uma resistência às questões que dizem respeito à sexualização, especialmente no ensino fundamental e pré-escolar onde a teia de

representações de identidades de gênero na constituição da infância se estabelece, são duradouras e definem, valores, comportamentos, e atitudes na vida da pessoa; é na infância que a pessoa começa a incorporar as **representações** do que é ser homem e do que é ser mulher. As representações exercem um papel fundamental na forma de viver das pessoas, elas englobam valores, preconceitos, crenças que a pessoa vai construindo nas relações sociais e determinam as formas como as pessoas se relacionam com a realidade. Na escola se aprende e se constroem atitudes que muitas vezes fazem do espaço escolar, no dia-a-dia, uma repetição de gestos e símbolos nem sempre libertadores; ao contrário, mantêm aprisionados homens e mulheres. Mesmo com o número crescente de pesquisa nessa área, essas discussões ainda não chegaram no cotidiano da escola, o que mostra ser a escola ainda uma das principais instituições no reforço ao sexismo.

(...) daí pinta o seguinte dentro da própria sala, você tem sempre meninas que tem, entre aspas, uma postura considerada masculina, elas são decididas, elas são educadas para vencer seja lá de onde saia a família, mas elas tem esse ímpeto, e isso atrapalha os meninos da sala, porque daí ela é piranha, ela atrapalha, ela é uma menina que não se põe no seu lugar, os meninos tem essa idéia. E o pior ainda, eu uma vez tive uma aluna que era líder, e ela me enfrentava, foi um problema, até que eu me toquei que ela me enfrentava porque eu era mulher, quando a gente dá espaço para relações dentro da sala você consegue trabalhar inclusive você. E eu fui percebendo que ela não me enfrentava, o que me enfrentava era o ser dela desprendido, e ela dizia, eu não soube fazer a lição o que você vai fazer comigo? então essas questões eu fui aprendendo a trabalhar dentro da própria sala, e ao mesmo tempo fui me questionando, quando eu tinha essa idade o que é que eu fazia? bem eu calava a boca, mas porque? porque eu era menina e menina tinha que ficar quieta, quando você volta, você começa a entender o que está acontecendo. Por isso você não pode esquecer que ao mesmo tempo que você está trabalhando com conteúdos está trabalhando com pessoas, e essa relação é entre homens, mulheres (crianças) e eu que sou adulta, não é homogêneo e se você não estiver aberto para isso, tá feita a cagada, porque daí tudo se restringe a nota e ninguém cresce nada. (PAULE)

Embora tanto as mulheres quanto os homens tenham sido educados(as) de forma autoritária e repressiva e, por conseguinte, costumem reproduzir como educadores(as) os mesmos valores que receberam, o certo é que esse tipo de educação pesa muito mais sobre as mulheres. Por que quase não se encontram educadores na primeira infância? Porque, educar crianças não é ofício para homens. Persiste ainda a idéia de que a única pessoa considerada apta para se ocupar com crianças é a mulher. A sua “condição feminina” lhe daria “dotes naturais” para o cuidado das crianças, tanto que o ensino pré-escolar ainda se chama “maternal”. No final do século dezoito aparece a imagem da mãe, da boa mãe, a exaltação do amor materno, que vai engendrar o mito que continua vivo até os dias de hoje, o do amor natural, e espontâneo de toda mãe pelo seu filho. Mãe em casa, tia na escola. Embora, saiba-se que em muitas escolas a tia já tenha virado professora, o que é um grande avanço. De qualquer forma, a presença de professores homens é muito saudável, tanto para as crianças quanto para os professores, mas não muda nada, se as relações que se estabelecem são sexistas.

Sabemos que o magistério é composto majoritariamente por mulheres principalmente no ensino de primeiro grau. Mas esse é um fenômeno recente em nossa sociedade, acontece com a expansão da escola, com o direito que as mulheres conquistaram à escolarização, os baixos salários¹², que faz com que os

¹² Ver WACHOWICZ, Relação Professor-Estado no Paraná Tradicional. São Paulo, Cortez Editora: 1984. No Cap. I em que a autora fala das origens da institucionalização da escola pública no Paraná, e da falta de pessoal habilitado para o magistério, encontraremos a citação de um ofício de 1856, do então Secretário de Governo Januário da Gama Cerqueira em que ele fala que a exiguidade dos vencimentos não convida homens a empregarem-se, alegando que eles poderiam ter melhores vencimentos em outras profissões. No Cap. III encontramos também o relatório de 1885 do presidente da província, Zacarias de Góes e Vasconcelos em que ele já falava que os ordenados eram diminutos, e não convidavam ao magistério. Embora a autora não use um recorte de gênero no seu trabalho (o que é uma pena), constata que já em 1901 as escolas

[Continua...]

omens se retirem em massa desse nível de ensino. Só aí, então, o magistério passa a ser uma profissão exercida na sua maioria por mulheres. Os professores e professoras de modo geral preferem meninas bem comportadas; meninos também, mas para as meninas está é uma característica mais do que esperada, deve fazer parte da sua natureza. Não nos esqueçamos que o menino sofre processo semelhante, só que em outra direção. Muitos professores e professoras têm mais consciência desses estereótipos e estão tentando melhorar de alguma forma, questionando esses modelos no currículo, nos textos e conteúdos trabalhados dentro da sala de aula.

Algumas pessoas ao lerem este trabalho poderão dizer que estou presa a esquemas ultrapassados. Gostaria que assim fosse, mas não precisei ir muito longe na minha pesquisa para perceber como esses esquemas ainda estão presentes em nossa sociedade. Bastou analisar as falas das entrevistadas e entrevistados. Como é difícil romper com esquemas formais, unilaterais, principalmente porque nós somos ainda educados dentro de limites bipolares excludentes (feminino/ masculino, razão/sensibilidade, bem/mal, corpo/alma). Os homens professores que entrevistei na sua maioria tiveram uma formação educacional religiosa, e suas falas demonstram o quanto ela foi perversa,

A gente confessava, padre eu fiz coisa feia, imagine o corpo, as partes feias do corpo, os livros na biblioteca os sexos tapados dos anjinhos e o duro é que a gente acreditava realmente nisso, a gente nunca conseguia contestar, então a direção que eles imprimiam era realmente para a sublimação. A nudez era uma coisa quase que inconcebível, a formação não permitia isso, a nudez era uma coisa horrorosa, identificada com o pecado, era a negação do corpo, dentro da dicotomia corpo e alma, o corpo atrapalha a salvação que a alma busca. Evidente que uma relação complicada, até hoje a gente tem essa relação nada fácil com o feminino. (HENRI)

públicas eram regidas na sua maioria por mulheres, e confirma a crescente naturalização do magistério como profissão feminina.

Eu tive uma formação religiosa. A igreja castrava muito, tudo era pecado. E o medo vinha junto com a sexualidade, o medo estava sempre presente. As figuras religiosas nunca têm sexo. Os anjos são assexuados, essa visão da igreja é ruim demais para as crianças, que entendem que essas figuras celestiais, são figuras do bem, e que o sexo não está ali. Ficou esta idéia muito forte... Todas as mulheres são prostitutas, a mulher andou na rua à noite é prostituta, se visse uma mulher fumando é prostituta. Cuidado. Essas coisas que me diziam, os professores mesmo. Eu tinha um medo muito grande. (LUC)

Não vou me aprofundar nas questões religiosas, importante aqui é destacar que a Igreja também cumpre um importante papel no reforço ao sexismo, a visão de mulher “ Santa” ou “Putá”. Não foi a toa que o movimento feminista adotou algumas palavras de ordem como “nem Santas nem Putas, agora somos mulheres” ou “As boas vão para o céu as más a qualquer parte”, “ou a todos, os lugares”.

Apesar de a escola ser um ambiente propício à troca, são raras as iniciativas que têm proporcionado a suas (seus) alunas (os) através de debates, conversas, jogos, brincadeiras em sala, momentos de reflexão sobre a sexualidade, suas relações, seus conflitos e contradições. No entanto, a escola tem sido chamada a intervir, pois os alunos cada vez mais trazem suas questões, suas dúvidas. Porém, muitas vezes esta forma de intervenção é conservadora, calcada na reprodução, enfocando apenas o corpo biológico, descolado de sua dimensão social, cultural, afetiva, onde se prende efetivamente esse corpo.

ENGUITA (1989) argumenta que as acusações, sem dúvida justas, que podem ser feitas contra a educação formal se dão no sentido de que contribui para reproduzir o sexismo - através do conteúdo do ensino, dos estereótipos presentes na interação informal, da orientação escolar e profissional indicada por preconceitos de gênero etc. Isso não deve ocultar o fato de que com a

generalização da educação, o espaço cotidiano das salas de aula, provavelmente, tem sido o cenário em que menos se discriminam as pessoas por seu sexo ou gênero. Se olharmos historicamente como eram as escolas antes, divididas por sexo, ou mesmo um espaço até a pouco proibido as mulheres, podemos entender tal colocação, mas não podemos esquecer que existem muitas outras formas mais sutis de discriminação que estão presentes na linguagem, nos gestos, na divisão do espaço, nos símbolos e códigos existentes dentro da escola. Essa forma de abordar a questão acaba por isentar a escola, fazendo com que não se trabalhem essas problemáticas de forma séria e sistemática.

Devido à falta de instrução e de escolas para as mulheres, o trabalho profissional lhes foi por muito tempo inacessível. Com a expansão da educação melhorou a situação, e a mulher passa a participar da rede de ensino quase na mesma proporção que os homens. Isso vai despertar a consciência das mulheres que se viam limitadas e freadas pelo trabalho doméstico e o cuidado da família, sintetizados na dicotomia estabelecida pela ideologia dominante: o mundo dos homens (externo, de trabalho, a coisa pública, a chefia, o poder) e o mundo das mulheres (interno, doméstico, a coisa privada, a submissão, a opressão), fundamentalmente esposas e mães.

De fato, a expansão das redes de ensino absorveu a mão-de-obra feminina. Isso está muito ligado ao fato de a mulher ter sido por muito tempo a única responsável pelo trabalho doméstico (calcula-se que uma “dona de casa” trabalha em média 56 horas por semana). Esse trabalho invisível e de pouca satisfação pessoal, tão pouco socializado com os outros membros da família, ao mesmo tempo que representa uma contribuição enorme à vida coletiva, afasta as mulheres pelo menos parcialmente do mercado de trabalho. Some-se a isso que

o trabalho de ensinar foi considerado ao longo dos anos como uma extensão do trabalho doméstico, da maternagem, enfim, "coisa de mulher".

Com um maior grau de instrução as mulheres puderam se inserir em maior número no mercado de trabalho formal, mas ingressaram fundamentalmente em profissões consideradas femininas, ou que vão se feminilizando ao longo do tempo, como no caso da educação. Mesmo assim, "Os recursos e oportunidades oferecidos as mulheres beneficiaram principalmente as regiões mais desenvolvidas do país, o sudeste, mais branco, mais urbano" (SARTI, 1988, p. 40).

Pelos dados do censo feito em 1980, o corpo docente no Brasil é composto majoritariamente por mulheres (87%). De maneira absoluta no pré-primário (99%), tornando-se minoria no ensino superior (30%). Mesmo assim, ROSEMBERG (1992) constata que numa categoria composta majoritariamente por mulheres, os homens ocupam os postos mais elevados, tanto em prestígio quanto em salário.

Se, de um lado, a história do trabalho dos homens e das mulheres apresenta características comuns (escavidão, servidão, artesanato, manufatura, indústria) sempre existiram diferenças profundas, porque nunca o sexo feminino enfrentou o trabalho nas mesmas condições que o masculino. A inserção da mulher no mercado de trabalho sofreu importantes modificações nas últimas décadas, aumentando consideravelmente a sua presença na População Economicamente Ativa. Nos fins dos anos oitenta, essa participação era de 35%, hoje é de 40%. Nos últimos vinte anos o crescimento da mão-de-obra feminina é de 180%. "No entanto, ocupam os níveis mais baixos da escala ocupacional, padecem um forte subemprego e obtêm um salário médio que é somente 54%

daquele que percebem os homens, o que significa uma das brechas salariais mais notáveis da América Latina” (GOMARIZ VALDES, 1993, p. 20)

A concentração de mulheres em determinadas profissões consideradas femininas tem facilitado o rebaixamento salarial destas categorias como um todo. Existe um lugar determinado para a classe trabalhadora na sociedade capitalista, mas existe um lugar dos homens trabalhadores e um lugar para as mulheres trabalhadoras. Ou seja, o sistema capitalista não trata da mesma forma o trabalhador e a trabalhadora, ao definir seu lugar no mundo do trabalho. A exploração de classe é comum a todos; no entanto, ela assume características diferenciadas e desiguais em função do sexo dos sujeitos que compõem a classe. Ela se soma e se articula às relações sociais de gênero que informam todos os aspectos da vida social.

Nesse sentido,

(...) uma análise da categoria docente não pode ser simplesmente uma análise de classe: tem que ser também, necessariamente e na mesma medida, uma análise de gênero. Se isto é verdade para praticamente qualquer categoria de trabalhadores, mais verdadeiro será para um setor que, como o dos docentes, está constituído em sua maioria por mulheres (ENGUITA, 1991, p. 52, 54).

Apesar de o magistério de primeiro e segundo graus, ser composto na sua maioria por mulheres, as pesquisas, os enunciados, os textos, as falas (das próprias mulheres), são feitas no masculino, o que comprova mais uma vez que todas as relações, e instancias sociais são instituídas pelos gêneros, ao mesmo tempo que também os institui.

As leituras destinadas às mulheres até a década de 60 com idéias fortemente vinculadas nas diferenças “naturais” entre os sexos, em que educar crianças entra como uma função natural da mulher devem ter ajudado a levar,

naquele momento, um maior número de mulheres para o magistério, que não é historicamente uma carreira feminina, (havia inclusive uma disputa de poder dentro da profissão, os professores resistiram à entrada maciça das mulheres no magistério, alegando que elas eram usurpadoras do trabalho alheio) e marcar o início da sua feminilização, embora o difícil acesso à escolarização tivesse deixado a mulher por um bom tempo fora do magistério de segundo e terceiro graus, "(...) as estatísticas do início do século sugerem que os obstáculos à entrada das mulheres na universidade eram quase intransponíveis" (COSTA, 1996, p. 68).

Hoje podemos dizer que as mulheres brasileiras melhoraram consideravelmente seu nível educacional, apresentando matrículas semelhantes, ou superiores às dos homens, nos vários níveis de ensino. Esse avanço educacional das mulheres nas últimas décadas tem sido acompanhado por um rendimento escolar melhor que o dos homens, no entanto, compartilham com os homens um dos quadros sócio-educativo mais desiguais e discriminatórios da América Latina, onde somente 16% da população ultrapassa o ensino primário. (GOMARIZ VALDES, 1993, p. 8).

Um dos elementos destacados como fundamentais nesse processo foi o conceito de vocação

(...) ligado a idéia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficiente para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional. (BRUSCHINI e AMADO, 1988. p. 7)

A ideologia da vocação, do amor e da dedicação tem ajudado a esconder as condições concretas de trabalho, esvaziando-a de seu conteúdo profissional. O fato de poder conciliar as atividades domésticas e profissionais também é usado para justificar a presença da mulher no magistério. Estudos têm constatado que a preferência feminina pelo magistério primário se dá pelo fato de acomodar, a um só tempo, o papel doméstico e profissional, dando possibilidade de conciliar o trabalho doméstico com a profissão.

Portanto, ser professora representava um prolongamento das funções domésticas, e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes a mulher, significavam uma maneira aceitável de sobrevivência em que se acomoda com facilidade a má remuneração diante da grandeza do ato de ensinar, pela nobreza da missão desempenhada. Poderíamos levantar vários outros elementos que influíram no processo de feminização do magistério, mas o fato é que não há uma preocupação com as questões relativas às relações de gênero entre as(os) educadoras(os). “Uma primeira impressão desconfortável advém do uso freqüente, nessa produção, do masculino genérico para se referir a indivíduos em situações nas quais o/a autor (a) está claramente se referindo as mulheres” (BRUSCHINI e AMADO, 1988, p. 8).

Mesmo a revisão crítica feita por várias(os) autoras(es) sobre o conteúdo dos livros didáticos não tem levado em conta o sexismo. Isso nos leva a considerar que realmente não se tem consciência de sua verdadeira extensão.

Trabalhos teóricos da última década estão perpassados por uma justificável e bem vinda preocupação de classe, enfatizando a inépcia das crianças dos estratos inferiores e a inabilidade da escola para entendê-las em suas necessidades. Mas referem-se apenas a um professor ou aluno ideal, no

masculino genérico, como se o prisma de classe fosse suficiente para entender a realidade. (BRUSCHINI e AMADO, 1988, p. 9).

Essa postura tem levado (as) (os) educadoras (es) a tratarem o gênero como um dado a mais, e não como um dos elementos junto com a classe, raça e idade, fundamental para entender a situação analisada. Dessa forma, ao analisarem as questões referentes à formação do magistério, políticas educacionais, relações de trabalho, fazem-no sem que as questões relativas às relações de gênero sejam incorporadas. Entender os processos de relações (de poder) desiguais entre os gêneros poderá contribuir para que as professoras e professores se dêem conta do quanto há de reprodução na sua prática em sala de aula, o quanto têm sido instrumento para a perpetuação das desigualdades.

4.3 SINDICATO

No sindicato, defrontamo-nos com formas mais camufladas e sutis de **discriminação**, de **preconceito** o que torna mais difícil o combate às práticas sexistas. Apesar de em parte terem sido incorporadas as reivindicações de determinados direitos para atenuar as desigualdades de gênero falta seriedade nas discussões que envolvem as relações de gênero, ainda se desrespeita à capacidade política das militantes mulheres, as piadas, as brincadeiras, a ausência de uma política clara para o desenvolvimento das mulheres, aumentam as dificuldades de participação política das mesmas e mostram que o que se incorporou foi insuficiente para abalar a sólida hierarquia construída entre os gêneros.

A prática de gênero ainda se distancia muito do discurso, por parte de algumas mulheres e alguns homens. O que se observa é uma maior facilidade em ver o outro não como uma peça do jogo político, ou uma peça da estrutura da sociedade, mas de ver o outro enquanto pessoa, com dificuldades, com diferenças. Apesar de as mulheres também reproduzirem na prática relações sexistas desiguais, preconceituosas, os homens têm muita dificuldade em romper com determinadas posturas, de entender que a sociedade impõe muitos entraves à participação política da mulher.

À mulher cabe a principal responsabilidade pela assistência à família. Isso faz com que as mulheres não tenham efetivamente tempo, físico e mental, para ocupar-se da vida pública,... É bem verdade que as obrigações de cidadania não prevêm necessariamente uma participação ativa, militante, na vida política; porém, é também verdade que a possibilidade de ter uma carreira política, de ser eleita, depende de uma disponibilidade de tempo, que dificilmente uma mulher com dupla obrigação consegue obter (GALEOTTI, 1995, p. 253).

Mesmo assim, como resultado da atuação e organização das mulheres

(...) algumas mudanças se introduziram no sindicalismo, destacando-se os inúmeros encontros de mulheres de vários setores, a criação das comissões ou secretárias da mulher nas categorias sindicais e em sindicatos, e a inclusão de cláusulas propostas pelas sindicalistas, em boa parte das campanhas salariais. Estas cláusulas, porém, ainda são limitadas a itens relativos à condição da mulher como reprodutora (creches, proibição da exigência de atestados de não-gravidez e esterilização, estabilidade para a trabalhadora que retorna da licença-maternidade), não se tendo avançado para outras questões cruciais para as mulheres, como acesso à profissionalização e promoções, eliminação das discrepâncias salariais entre trabalhadores do sexo masculino e feminino. (BALCÃO *et al.*, 1995, p. 13).

Alguns sindicatos têm adotado políticas, no sentido de possibilitar uma participação mais efetiva das mulheres, mas o comportamento sexista e preconceituoso ainda é muito acentuado. Isso mostra que mesmo desenvolvendo

sua consciência e atuação política, os homens, e às vezes as próprias mulheres, não rompem com as relações de gênero desiguais.

As ações afirmativas/positivas são assim chamadas por serem de certa forma mecanismos que obrigam a superação das **desigualdades** de gênero. São estratégias voltadas para alcançar a **igualdade** de condições entre homens e mulheres em diferentes instâncias: no mercado de trabalho, na política, nos sindicatos etc.¹³. “O princípio da ação afirmativa está estritamente ligado ao ideal de criação de uma sociedade democrática, que tenha como objetivo promover a igualdade de tratamento e oportunidade, comprometendo o conjunto da sociedade com a superação das desigualdades historicamente construídas em relação a alguns indivíduos por motivo de raça, gênero, etnia etc.” (MARTINS, 1996, p. 207). No Brasil, essa discussão é recente. A primeira experiência foi vivida pelo Partido dos Trabalhadores, em virtude da luta travada pelas feministas dentro desse partido, tem sido definido 30% de cota mínima para a participação de mulheres em todas as suas instâncias de decisão.¹⁴ Podemos apontar algumas dessas ações no campo sindical:

¹³ Examinar o texto de Paola CAPPELLIN. **Ações Afirmativas: Estratégia para corrigir as Desigualdades entre Homens e Mulheres** publicado pelo CFEMEA no caderno Discriminações Positivas Ações Afirmativas: Em Busca da Igualdade, 1995.

¹⁴ A implementação das políticas sociais com corte de raça e gênero teve início nos Estados Unidos após a promulgação do civil *Rights Act* de 1964, cujo artigo VII vai servir de instrumento legal para inibir e penalizar toda forma de discriminação no mercado de trabalho, por parte das empresas privadas, com base na raça, religião, sexo, cor ou nacionalidade em decorrência da explosão de conflitos étnicos e raciais, a idéia das ações afirmativas voltou-se primeiramente para a defesa e ampliação das oportunidades de emprego para trabalhadores negros. Só em 1967, o corte de gênero passa a ser contemplado no conjunto de políticas de estímulo ao emprego das minorias, no caso as mulheres, mas é em 1972 que este princípio é regulamentado. Lena LAVINAS. Aumentando a Competitividade das mulheres no mercado de Trabalho. *Estudos Feministas*, v. 4, n.1, 1996.

O PT é um dos partidos brasileiros com maior percentual de mulheres filiadas, comparativamente aos homens. Em alguns diretórios, supera a marca de 50%. Marta SUPLICY. Novos Paradigmas nas Esferas de Poder. *Estudos Feministas*, v. 4, n. 1, 1996.

- Creches garantidas pelas empresas e ou Estado, durante a jornada de trabalho e pelas instâncias sindicais durante os eventos dos sindicatos.
- Cotas de participação feminina nos cursos de profissionalização, aperfeiçoamento ou re-qualificação das empresas e cotas nos cursos de formação política dos sindicatos; cotas para cargos de chefia, nos locais de trabalho e cotas para as direções das entidades sindicais.¹⁵

Mas, apesar de no movimento sindical de forma geral as coisas não terem avançado da forma como gostaríamos, devemos reconhecer que a APP-Sindicato, desde o seu V Congresso em 1994, tem apontado nas suas resoluções “que as ações de formação, abrangem mudanças nas relações políticas e econômicas e de todas as relações sociais, raciais, culturais, éticas, de gênero”. E mais “a APP-Sindicato, enquanto espaço de mulheres e de homens, na luta pela cidadania, cabe a discussão e implementação de políticas de gênero que visem o fim das discriminações, “ **propondo inclusive o início das discussões nas escolas**”. (grifo meu).

Alguém poderia dizer, mas isso é muito pouco (e é), a prática cotidiana do sindicato continua homogeneizadora; as discussões sobre as relações de gênero na educação, no magistério e entre companheiros e companheiras de sindicato avançaram muito pouco. Sem dúvida, estamos longe do que queremos. Agora, é profundamente positivo você encontrar no citado documento revisões de conceitos levando em conta as diversidades.

“Os professores, alunos e funcionários da educação que tem uma orientação homossexual sofrem discriminações em todos os lugares, inclusive

¹⁵Ver cadernos de Textos, “Gênero e trabalho”, do Instituto Cajamar (1995).

nas escolas. Como educadores, cabe a nós a função de criar uma nova moral, não heterossexista, nem preconceituosa, que respeite as diversidades, inclusive no campo sexual”. Embora a falta de discussão se reflita no pouco cuidado com a linguagem (sexista) do texto. Os professores, os alunos, os funcionários. (Quem são?).

As resoluções do VI Congresso avança ainda mais quando coloca ,dentro do tópico Gênero e Sindicalismo, que: “(...) o movimento sindical não pode ficar à margem das discussões sobre as questões básicas culturais que expressam a subjetividade das relações humanas, colocadas ideologicamente para explicar, normatizar, prescrever e controlar de forma racional a aceitação das desigualdades sociais”. Isso quer dizer que a análise de classe está comprometida com as análises de gênero, raça e geração. Portanto, não basta reconhecer textualmente que apesar de as mulheres ajudarem a construir o sindicato, poucas têm acesso aos cargos. Para dar cabo a esses desafios, a resolução propõe as seguintes ações:

- a) Constituir grupos de trabalhos e estudos; (hoje já existe um coletivo contra a discriminação racial e de gênero);
- b) Debater nos locais de trabalho a questão de gênero;
- c) Estimular as discussões sobre gênero nos Núcleos Sindicais;
- d) Creche de boa qualidade em todos os eventos da APP-Sindicato;
- e) Formar comissões de mulheres por Núcleos Sindicais para contribuírem com o trabalho;
- f) Investir em formação e informação sobre o tema gênero;
- g) Incentivar o debate de comunicação não sexista entre os dirigentes sindicais e a categoria;

- h) Inserir-se na Campanha Nacional da CUT “Igualdade de Oportunidade na Vida, no Trabalho e no Sindicato”;
- i) Garantir a participação, de pelo menos, 30% de cada gênero na direção do Sindicato.

Estimulando essas políticas a APP-Sindicato avança em direção a uma nova concepção de sindicato, à medida que aprofunda as discussões sobre gênero, raça e classe, apontando para participações mais concretas como o Projeto Relações Sociais de Gênero no currículo de segundo Grau, em parceria com a UFPr (ainda em andamento), aprovação de 30% de cotas a cada um dos gêneros nas direções da entidade e no debate com o Movimento Negro, com o Fórum Popular de Mulheres e com a CUT, realizando em Curitiba o 1º Seminário Educação Gênero, Raça e Classe em maio de 1995 que resultou na publicação do **Caderno Sindical Educação, Raça e Classe**.

O plano de lutas do VII Congresso reforça e avança um pouco mais sobre estas questões, quando propõe:

- a) Promover a conscientização e a capacitação de trabalhadores (as) em educação para a abordagem da questão racial e de gênero - valores civilizatórios, participação das mulheres na história - buscando outros parceiros (Universidades, SEED, NREs, ONGs).
- b) Lutar pela institucionalização da mudança curricular a fim de que incorpore a temática racial e de gênero, não só em conteúdos específicos, mas perpassando todas as disciplinas e espaços da escola, tendo como perspectiva a construção do Plano Nacional de Educação, proposto a partir do I CONED (Congresso Nacional de Educação)

- c) Discutir em todas as instâncias do sindicato - desde as assembleias estaduais até as organizações por local de trabalho - as questões de gênero, raça, saúde, infância e adolescência.
- d) Discutir as contradições da mulher trabalhadora no contexto da condição de reprodutora da dominação.
- e) Consolidar o coletivo de educadores e educadoras para a questão de gênero e contra o racismo tanto em nível da instância estadual, como nos núcleos da APP-Sindicato.
- f) Investir na formação e no grupo temático de gênero, da Escola Sul da CUT.
- g) Inserir na política pedagógica do sindicato o tema gênero e raça como elementos de emancipação da classe trabalhadora e sua autoliberação.
- h) Assegurar a edição e publicação de materiais sobre o tema.
- i) Romper o preconceito da homossexualidade, qualificando a discussão no interior da categoria.
- j) Incentivar os movimentos organizados na luta pela cidadania dos homossexuais, mulheres, indígenas, negros e outros segmentos marginalizados.

Sem dúvida, isso implica muito trabalho e, mais do que trabalho, a capacidade de os envolvidos no processo romperem com determinados modelos, posturas, olhares, construir, relações mais solidárias. Precisamos urgentemente de pesquisas que dêem conta da totalidade do professorado, área onde as mulheres são maioria (sabe-se de ver e ouvir falar); ainda não temos dados da categoria diferenciados por sexo. No entanto, foi feito um levantamento parcial do perfil dos (as) delegados (as) presentes no VII Congresso da APP-

Sindicato, que contou com 222 participantes, dentre os quais 58,56% mulheres e 41,44% de homens, faixa etária maior entre trinta e um e quarenta anos. Os casados perfaziam um total de quase 49%, dentre os quais os homens perfazem um total de quase 62% e as mulheres de 39%. As mulheres têm um grau mais elevado de especialização que os homens, e a maioria não possui nem mestrado, nem doutorado. Trabalham de 6 a 20 anos na educação, 62% de 31 a 40 horas; 77% só possui essa atividade remunerada. Todos na sua quase totalidade (98%) participam de forma sistemática do movimento sindical, de greves e passeatas. Dos seminários oferecidos pela entidade, 88% dos congressistas participaram, mas os homens estão à frente com 90,22%.

Quanto ao número de vezes que já participou dos congressos da categoria, a primeira vez ganha com 46% e as mulheres saem um pouco na frente dos homens, 47% para 43%. A segunda vez, os homens aparecem com 25% e as mulheres com 20% e assim por diante. Os representantes de escola perfazem um total de 35% sendo que as mulheres estão um pouco à frente, trinta e três por cento são diretores (as) estaduais e de núcleos, sendo 43% homens e 25% de mulheres. Dezoito por cento são de associados sem uma militância mais sistemática, e aqui as mulheres passam à frente novamente. Isso, mesmo que de forma parcial, vem comprovar a hierarquia solidamente construída entre os gêneros. Mesmo no movimento sindical mais avançado, a mulher aparece em maior número na periferia da organização, e já se sabe o porquê.

Uma análise mesmo que superficial coloca à mostra as debilidades em se trabalhar e tratar essas questões. O grau de consciência social passa inexoravelmente pela forma como você se reconhece no mundo (as representações). O sindicato perde muito quando a classe enquanto categoria

histórica se apresenta como homogênea, sem sexo, sem cor, sem idade. Perde, ao não visibilizar as mulheres e assim ter elementos para a ação sindical. Perde, por não conseguir aglutinar um maior número de professoras, questionando o seu que fazer cotidiano enquanto mulher-professora, haja vista que continuamos falando e escrevendo no masculino genérico.

O sindicato não pode mais ser um espaço onde só há lugar para os mais fortes, os que podem, os que não têm dificuldades. O modelo sindical tem que ser concebido para ser realizado por homens e mulheres inteiros. Os/as militantes que reivindicam parte de seu tempo para outras atividades são desvalorizados, em especial, quando essas atividades passam pelo cuidado com os filhos (SOARES, 1985, p. 20). É preciso compreender as relações entre **exploração** de classe e **opressão** de gênero, e mesmo os sindicatos mais progressistas e combativos deixam muito a desejar no que se refere à incorporação efetiva das demandas que visam romper com as **discriminações** de gênero.

5 ELAS FALAM, ELES FALAM, NÓS FALAMOS DE...

Nesta parte do trabalho, dedico-me a examinar as entrevistas. O material resultou muito rico, mesmo assim tive que deixar muitas questões de lado, às quais pretendo retomar em outro trabalho. Gostaria de agradecer às pessoas, mulheres e homens que permitiram esse momento de troca, que, de uma forma ou de outra, confiaram no meu trabalho. Mesmo sabendo que o resultado, a produção, seria a minha versão, a partir da visão de mundo que tenho, da minha forma de inserção política e do meu modo particular de articular a linguagem e a narrativa. (Há muito tempo foi reconhecida a impossibilidade de um observador, por mais circunspecto e cauteloso que seja, despojar-se de seus valores, de suas paixões para ver os outros com toda a objetividade). Ao optar pela coleta de depoimentos de histórias de vida, fiz uma opção metodológica que me levou a percorrer os caminhos da oralidade, que difere muito das fontes escritas, porque envolve uma carga emocional forte, tanto para quem concede o depoimento quanto para quem o analisa¹⁶. A primeira entrevista foi o que poderíamos chamar de “difícil”, tanto para mim quanto para a entrevistada. Apesar de nos conhecermos, tanto eu quanto ela estávamos ansiosas, nervosas e comentamos sobre isso, a angústia de não saber o que vai acontecer, do novo, do imprevisto.

¹⁶ Sobre o processo de produção das fontes orais e as análises dos depoimentos ver “História Oral: uma utopia?”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. ANPUH. Marco Zero, v. 13 n. 25/26, set. 92/ago. 93.

Enfim nos encontramos, em uma casa de chá num dia frio de inverno, começamos a conversar e toda a angústia foi embora. Ficamos ali até fechar o local; saímos em busca de outro local, muito tínhamos ainda que conversar, foi muito interessante porque o outro local que também acabou fechando e nós tivemos que completar a entrevista em outra ocasião.

Na entrevista optei por um lugar onde não fossemos interrompidas por nenhum problema do tipo “temos que fechar a casa”, e tudo correu muito bem. É interessante que só houve problemas na realidade com uma das entrevistadas que desmarcou vezes, achando que não poderia dar a entrevista, apesar de eu explicar muito bem qual eram os meus objetivos, conhecia a entrevistada, depois ela me confessou que era medo, e também que não tinha nada de importante para falar, no final foi uma das entrevistas mais gratificantes que fiz, falo uma das, porque todas foram muito gratificantes e interessantes.

Houve problemas de toda ordem, como, o gravador não gravar nada, e você só perceber depois de feita a entrevista, outra coisa era fazer a entrevista por partes, pois o tempo da (o) entrevistada (o) era muito corrido e se não fosse dessa forma não seria possível, isso não interferiu na qualidade da entrevista. Mas diminuiu algumas possibilidades.

No final me encontrei, com mais de quarenta horas de gravação, de histórias de vida, depoimentos sinceros, muitas vezes emocionados. Para trabalhar com tantos dados fica difícil, mas sem dúvida é um processo muito rico. De posse do roteiro de pesquisa previamente escolhido para coletar os depoimentos, organizei, as entrevistas em categorias que eu chamei de fundamentais ou de conteúdos, e que foram delimitando o meu trabalho. Outras categorias vão surgindo no decorrer do trabalho como conceitos explicativos das

relações de gênero, suscitando portanto novas investigações a partir desse estudo, trata-se de **identidade, igualdade, diferença, público, privado, produção, reprodução, representação, discriminação. emancipação, opressão, pluralidade** essas categorias não se reduzem e não se circunscrevem apenas às questões de gênero, exigindo assim maior aprofundamento para que possamos entender, explicitar e transformar as relações de gênero na contemporaneidade.

Quando fazemos o nosso recorte, isto é, quando delimitamos o objeto e o campo de pesquisa, pensamos que será mais fácil, porque você delimitou o máximo possível seu campo de atuação, mas quando você vai ver, analisar, percebe que, embora delimitado o universo das pessoas pesquisadas, é amplo e cheio de significados, são mulheres e homens de várias procedências, com histórias diferenciadas e níveis de consciência também diferentes, embora todos militantes. Por essa razão, considerei importante manter grande parte do conteúdo das entrevistas, melhor dizendo, deixei que as entrevistas falassem por si. Elas tornam evidente a necessidade de se ter um novo olhar sobre o gênero e outras categorias, pois não somos vistas ou vistos apenas pelo nosso gênero, somos também classificadas(os) de acordo com a nossa classe, a nossa raça, a nossa idade. Nesse sentido devemos entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade, construções que dependem das diferentes imagens de homens e de mulheres que as diferentes classes, religiões, raças e idades cultuam.

5.1 FAMÍLIA

Os extraordinários acontecimentos políticos e econômicos do século XX, advindos principalmente após a Segunda Guerra Mundial, fazem cair por terra várias crenças, e entre elas a dos direitos naturais de uns em relação a outros, que abala a família, o “refúgio do guerreiro”, onde não há lutas, nem competições. Esses acontecimentos têm nos mostrado que o pessoal é político e que principalmente a família é política. “Fundada na hierarquia e na dominação, que ela tem reproduzido através da história, a família - esse mais íntimo espaço das relações pessoais - requer uma resposta política nessa era tão eminentemente politizada em que vivemos” (GENOVESE, 1992, p. 31).

Inúmeras análises sobre as relações de gênero na sociedade vêm demonstrar como o imaginário político e as instituições permanecem vinculadas a uma construção cultural da divisão sexual do trabalho de base biológica. No caso da família, entretanto, a tendência à “naturalização” é extremamente reforçada pelo fato de se tratar de uma instituição que diz respeito, privilegiadamente, à regulamentação social de atividades de base nitidamente biológica: o sexo e a reprodução (DURHAM, 1983). Senão, vejamos com a nossa própria pesquisa:

A mulher tinha que servir o homem, somos 6 irmãos 3 homens e 3 mulheres, minha mãe viúva, e as mulheres davam respaldo aos homens. Os 3 homens teriam que partir para o mundo, para fora, para o trabalho, para a ação, para a objetividade, e a gente, ou em casa, ou mesmo trabalhando, porque sempre trabalhamos fora também, era em favor de dar a infra para o que eles viessem a fazer. A mulher não fala, só dentro de casa, fora de casa não abra a boca, mais tarde na escola. Na militância foi um sacrifício para eu abrir a boca, Era uma formação assim, atrás de um grande homem, sempre tem uma grande mulher, esta grande mulher é você, você está ajudando os seus irmãos, depois vai ajudar o seu marido, os seus filhos (GEANNETTE).

As vivências retratadas quanto à vida familiar, apesar de suas diferenças, são muito parecidas devido ao sistema social de gêneros. Portanto, não somente a divisão sexual do trabalho é retratada, mas também a divisão sexual do poder e do prazer. O pai é quase sempre a figura mais forte, na fala das entrevistadas (os) é a figura autoritária, protetora e quem toma as decisões.

Papai era bastante autoritário, era muito coruja, defendia o ninho dele, mamãe muito caseira, dona de casa, nunca trabalhou fora (NADINE).

Podemos perceber que, ao mesmo tempo que nossa entrevistada reconhece o autoritarismo paterno, ela suaviza esse entendimento afirmando que ele era muito “coruja” e queria na realidade defender seu ninho, o que vale dizer que ele queria proteger a sua família. E não temos dúvida quanto a isso. O que estamos aqui questionando é que no espaço da casa, no doméstico, apesar de esse espaço ser administrado pelas mulheres, as decisões fundamentais cabem ao pai. E nós mulheres, muitas vezes reforçamos isso.

A mãe na maioria das vezes é retratada como uma pessoa submissa, passiva, dependente, com problemas de saúde. Isso tanto na fala das mulheres, quanto na fala dos homens.

O meu pai é um machão, minha mãe uma mulher muito submissa e católica... tinha que fazer tudo o que ele queria e minha mãe se submetia a ele. E eu fui criada assim, para casar, ter filhos, deixar de ser virgem, só depois do casamento, e o príncipe, essas eram as idéias da minha mãe. E até os 30 anos por incrível que pareça, eu sempre me debati com isso, eu demorei muito para tomar tento do que estava acontecendo comigo, e isso me atrapalhou muito. (PAULE).

Na sua quase totalidade, nas famílias o papel da mulher é bem tradicional, a sua educação é no sentido da acomodação, da submissão,

Minha mãe muito passiva e sempre dizendo para a gente, fique quieta, não responda, fale baixo, não coloque o som alto, abaixe a televisão, não traga seus amigos aqui. Tudo por conta da relação com o meu pai, ele muito protetor, autoritário. Meu pai e minha mãe sempre foram assim, se há governo eu sou a favor, nunca contra, sempre aceitando tudo, a vida é assim, e aquilo sempre me revoltava (ANNE).

Contraditoriamente ao mesmo tempo que tanto as entrevistadas como os entrevistados viam na mãe a figura passiva, dependente, submissa, relatam a importância da figura materna e como ela era muitas vezes mais forte que o pai,

Eu tinha uma referência muito mais centrada na minha mãe, inclusive eu vi muitas vezes a minha mãe chorar, pela ausência do meu pai. Então eu tinha toda uma crítica já da conduta dos homens, eu posso dizer que tenho muito a ótica do mundo através da minha mãe, até a pré-adolescência, e aí eu comecei a conhecer o meu pai e a fazer algumas mediações, com dificuldades (VINCENT).

Eu tenho uma marca da minha mãe na minha vida, eu sempre a vi como uma pessoa mais forte do que meu pai, ela que sempre manteve a gente estudando, tinha essa preocupação, ela era a pessoa que resolvia todas as coisas, ela sempre eu tive como exemplo... Meu pai sempre foi bem presente. Ele foi importante, mas a minha mãe muito mais (ANNE).

Essa referência se torna mais forte ainda quando partimos para o campo da afetividade,

Eu sinto falta de minha mãe. Falta do que ela não me deu: carinho de mãe. Eu me lembro de uma cena, eu tinha 6 anos no máximo. Eu senti falta dela, eu fui para a cama onde ela estava. Daí ela pegou na minha mão e disse: "Não deita aqui, porque a mamãe está doente, está com febre, está machucada. Vá para a cozinha, vá lá para fora brincar." E o que eu mais queria era ficar ali, e ela nunca pode ter carinho comigo, assim, afeto comigo, de abraçar, essas coisas, por que ela estava quase sempre doente (HENRI).

A minha mãe era bastante submissa, vivia em função do marido e dos filhos, até os meus 10 anos a minha mãe não trabalhava fora, a relação do meu pai com os filhos, foi bastante difícil, ele nunca demonstrou carinho, para você ter uma idéia até hoje eu nunca dei um beijo no meu pai, ele nunca me encostou a mão (ANNE)

As relações afetivas entre pais e filhos variam muito de família para família, às vezes as manifestações de ternura não são muito apreciadas. Quem geralmente segurava a barra afetiva, bem ou mal, era a figura materna, e o

quadro quase sempre se completava com o outro lado da moeda, quer dizer, a agressividade paterna, a violência doméstica, que antes de recair sobre os filhos recaia sobre a mãe/esposa. Ver a mãe apanhar é uma lembrança da infância, o que é possível constatar nos relatos a seguir,

Com ela, ele era duro, muito difícil. Ela reagia, ele queria bater nela. Porque era comum os pais baterem nas mães, quem não fizesse isso naquela vila, era gay. As mulheres da vila apanhavam diariamente. Mas era comum nos homens, não era uma particularidade do meu pai, era comum, era uma cultura. Isso eu acho, que era motivo de conversa nos botecos, e quem não fizesse isso, não era bem visto como homem na região (HENRI).

Meu pai tinha outras mulheres, era assíduo freqüentador da zona, era o querido das putas, e minha mãe viveu sempre muito humilhada, e agente cresceu aí, quando ele bebia batia muito na minha mãe, os filhos iam pegando idade e saindo de casa. Minha mãe fez só o primário, e ela via o mundo com bastante simplicidade e sem nenhuma ilusão, então ela sabia que a gente tinha que estudar, ela era uma mulher que tinha um entendimento de certos aspectos da vida, em que ela percebia que era escravizada, mas também não sabia como romper. Ela imaginava que estudando as mulheres podiam romper com aquela situação de opressão, tomar a gente independente dos homens, dos maridos, sempre foi uma preocupação constante da minha mãe. Ao mesmo tempo meu pai deixava bem claro quem é que tinha valor no mundo, aos homens tudo era permitido, e minha mãe achava que esse mundo era injusto porque permitia tudo para os homens, mas ela achava que a gente não devia se contrapor, devia estudar para ser independente, mas ela dizia coisas assim: Em homem nada pega, um homem pode fazer o que quiser, sacudiu o paletó... Outra coisa era assim, os homens podiam tudo mas se a mulher fosse rica, ela também podia tudo, que das meninas ricas ninguém falava nada, as meninas ricas não caíam na boca do povo. Eu não era nem homem, nem rica, não tinha a menor chance nesse mundo, então. Eu não concordava, mas também não sabia o que fazer, Eu sentia dentro de mim desde menina que aquilo tudo que estava posto para mim, estava errado. Mas era só uma intuição, eu não tinha o entendimento, eu não tinha a compreensão de como é que funciona a sociedade, mas não aceitava que as meninas ricas podiam tudo, não aceitava que os homens podiam tudo, não aceitava nada disso, eu sabia que não era assim, mas também não sabia como era. Eu tinha única e exclusivamente a minha revolta. (CLAUDIE)

Essa fala é cheia de significados. A educação aparece como forma de libertação, como forma de ruptura. O conhecimento, e a independência aparecem para a mãe como uma condição para a filha; é que a escola, e principalmente o acesso e permanência, até recentemente era para poucos, esses na sua maioria, das classes abastadas, homens e brancos. Então, para as classes populares e

principalmente para a mulher da classe trabalhadora, o acesso à escola demora a acontecer, é um acontecimento deste século, e tão intenso a ponto de hoje encontraremos mais mulheres do que homens nos bancos escolares.

Não é essa a nossa preocupação aqui, mas seria uma questão interessante para análise. O que importa é demonstrar como a educação, principalmente na família, é dada sobre as diferenciações de papéis de sexo, sobre estereótipos. E como muitas mulheres passaram para suas filhas uma mensagem contraditória: se, por um lado, insinuavam que a libertação deste enredamento que aprisionava a mulher, se daria através do estudo que lhes possibilitariam uma profissão, por outro passavam também a idéia de que lugar de mulher é em casa.

Podemos perceber pela fala das entrevistadas que as formas de relações nas suas famílias, as relações desiguais entre os gêneros lhes incomodavam. A postura da mãe passiva, também é entendida como uma forma de dominar e controlar a situação,

Quem deu as cartas sempre foi a minha mãe, mas numa posição de muita passividade, de controlar pela passividade, acho que um pouco eu me rebelei também contra isso, porque a minha mãe controlava porque era doente, fraca, não podia ser incomodada, eu acabei fazendo muito mais parceria com o meu pai. Eu tinha que ser forte, eu tinha que tomar decisões, não podia ter medo, a minha história foi o caminho inverso. (SIMONE)

Quanto menos rígida e estereotipada as relações familiares, mais fácil é a pessoa se reconhecer como sujeito de direitos. Principalmente se a pessoa receber influências diversas

Projetavam em mim, ao mesmo tempo, um determinado perfil do que era ser mulher, feminina, bonita, como não tinham para quem jogar acabavam

jogando o que tinham da expectativa do que era ser masculino também, a questão da inteligência, da força, e isso foi dando um bicho meio estranho. E o próprio fato de ser mais velha, exigia muito que eu tomasse decisões, que assumisse papel de pai e mãe, em várias situações, e isso foi dando demandas diferentes, contraditórias até. Foi uma história de família que não tinha muita rigidez nos papéis, e isso também ajudou, não ter uma estruturação por ideal, acabou aflorando outras idéias. (SIMONE).

Como o meu interesse maior neste trabalho é identificar como essas mulheres rompem com a histórica forma de submissão e opressão a que são submetidas, o que primeiramente nos aparece, é interessante notar, que algumas rompem com a forma de divisão do trabalho doméstico: *“na adolescência, quando eu saquei que eu e minha irmã é quem fazíamos o serviço da casa, dissemos, chega, ponto, ou divide ou não fazemos mais, e todos os meus irmãos acabaram aprendendo a fazer de tudo e sobrevivem legal hoje, e a gente também”*. Essa entrevistada rompeu já na adolescência com a divisão sexista do trabalho doméstico, não é o caso da maioria das mulheres entrevistadas, que rompem com o casamento, ou ainda durante a vida, mas de uma forma ou de outra, elas rompem.

Com o aparecimento da família burguesa, aparece também o mundo privado. A sexualidade restringe-se à procriação, sendo pouco visível fora do casamento e da família. Sexo, amor, procriação e família vão se tornando, assim, indissociáveis.

Eu lembro que a mamãe não explicou pra gente nada sobre a vida sexual, então cada vez que uma ia casar, ela e minha tia se reuniam num quarto fechado, e explicavam como ia ser o casamento. Agora que minhas irmãs dizem que foi muito complicado o casamento sem saber o que era a vida sexual, sem saber o que era o relacionamento a dois, e a gente achava que isso era respeito, hoje a gente sabe que era falta de formação, falta de orientação. Eu entrei na vida adulta sem conhecer, as coisas para mim eram um mistério. (NADINE)

Eu era totalmente reprimida, a minha mãe nunca disse não pode, mas dizia se você for uma vez, nunca mais vai conseguir parar, ela falava como uma decadência moral, mas na verdade não era isso, nunca pára, porque é bom, mas ela não passava isso, então eu me segurava. Assim eu me reprimia, quando tinha um contato um pouco mais erótico, ficava com sentimento de culpa me martirizando, eu consegui perceber isso depois de muito tempo. (GEANNETTE)

A descoberta do corpo era proibida ,porque além de estimular o toque, o que era suspeito, despertaria o desejo de conhecer o corpo dos outros “Templo da sexualidade comum, a família nuclear erige normas e desqualifica as sexualidades periféricas” (PERROT, 1995, p.115). Tudo que foge à regra é considerado problema.

Então, eu me conheço já negando o meu corpo, ela me reprimiu, certamente ela tenha visto essa minha vontade de transar, aí eu me recusava mesmo, e eu hoje localizo como uma forma, que ela usou para reprimir a minha sexualidade que estava muito a flor da pele. Eu me achava feia, horrível, acha que algum homem ia gostar de mim? Homem nenhum ia gosta de mim, até eu me liberar demorou, foi numa fase já bastante avançada, e não é fácil até hoje eu ainda não consigo me liberar totalmente, apesar de ter trabalhado muito com isso, mas a liberação tem que se dar em cima da prática. Eu acho que essas doenças que hoje me aparecem, eu acho que são muito pela negação de mim mesma, da minha sexualidade. (GEANNETTE)

Fui perder a virgindade lá pelos 18 anos, tive relações muito legais, curti, gostei. Foi um caos quando meus pais descobriram, foi um horror, eles me xingaram, por isso que eu fui morar sozinha, não podia sair, não podia viajar, então eu ia para o motel a tarde ou de manhã, essa história que as coisas só acontecem a noite, eles se sentiram traídos, tanto é que com as minhas irmãs eles são muito liberais (COLETTE)

Veja, me masturbar mesmo só depois que eu casei, quando era pequena tinha alguma masturbação que eu fazia, mas era só encostando coxa, e minha mãe vinha tinha que parar, ela dizia para parar, mas eu não sabia, não tinha noção, eu tive uma experiência dessa com a minha filha, mas levei numa boa, lembrei de mim, que de repente eu tinha que parar com uma coisa que era gostosa e não sabia porquê, daí eu só me masturbei quando me separei do meu marido (PAULE)

O que podemos perceber nestas falas é que apesar de a educação ter sido dada de uma forma conservadora, as entrevistadas conseguiram superar, a ponto de não só se libertarem dos fantasmas criados pela família, mas de passarem para seus filhos(as) uma outra forma de ver a vida e de perceber a sua sexualidade. Claro que o descontentamento consciente ou inconscientemente passou pelo momento histórico que estávamos vivendo, um momento conturbado, de questionamento, com o surgimento de vários movimentos, inclusive o movimentos feministas que fervilharam, questionando a posição e o papel da mulher na sociedade. Mas, apesar de todos estes questionamentos, a idéia do casamento era muito reforçada, e as mulheres só se sentiam plenamente realizadas com a sua chegada. O que vamos perceber é que, contrariando o discurso oficial, na prática, para essas mulheres o casamento foi, na sua maioria, uma experiência desgastante, ruim, e muito contraditória, à medida que você não consegue conciliar os papéis, de mãe, esposa, dona de casa, profissional,

Casei, odeio essa fase, falar sobre ela, odeio porque acho que foi a fase em que eu assumi tudo o que minha mãe dizia, eu assumi a ilusão da coisa, me casei, com um cara, gostava dele, mas eu acho que era muito mais a ilusão de me casar com alguém, de ter uma família, eu que fiquei até os 30 na rebeldia, acabei fazendo a mesma coisa, eu tenho raiva de falar sobre isso. (PAULE)

Eu costumo brincar que quando casei cometi duas burradas ao mesmo tempo, casei e parei de trabalhar Apesar de defender a idéia de ser uma profissional, fiquei dois anos sem trabalhar. (MARIE-ANGE)

Fui transar com vinte e poucos anos, com o homem que eu acabei casando, e não sustentei muito meu projeto, olhando para trás, eu fui aos trancos e barrancos, mas não sustentei, não dei conta, casei para sair de casa, aí dizem minhas amigas que eu pensei em me divorciar desde o primeiro dia, porque nunca me ajustei muito ao papel de corresponder às expectativas do outro, meu ex no fundo queria a mulher embaixo das asas dele, a gente começou a ter problemas logo depois de casado, Eu tive os filhos, porque eu quis, porque na verdade ele nunca quis, tanto que ele sumiu depois que separou, mas eu queria muito ter os filhos, acho que

briguei com isso um bom tempo, porque muitas vezes, eu me via, em ter que escolher, se eu queria ser mãe ou se eu queria trabalhar, e fui brigando um bom tempo, até o dia que eu saquei, que as duas coisas eram fundamentais para mim, eu nunca seria inteira se não fosse mãe e se não tivesse o meu trabalho, e eu não abri mão disso e não ia mais brigar comigo. (SIMONE)

O que ocorreu com essas mulheres? Poderíamos dizer que foi um conflito entre os papéis tradicionais de esposa, mãe, dona de casa e a possibilidade de assumir uma nova perspectiva, qual seja, como profissional que pensa e age por sua própria conta. Agora isso não se realiza sem conflito, porque o próprio perfil de mulher produtiva era um perfil muito masculino, e essas coisas se punham até pouco tempo, e para muitas mulheres e para a sociedade de modo geral, ainda se colocam como coisas excludentes.

*Eu acho que esse é o problema da nossa geração a gente é muito bem resolvida profissionalmente, politicamente, mas do lado emocional, nós continuamos as mulheres do século 18, que querem alguém, a gente sempre encontra essas pessoas depois de ter saído de uma grande crise, querendo colo, e um pouco foi isso que aconteceu comigo, hoje acho que sou uma outra pessoa, acho que a gente está ainda reconstruindo a relação, não está boa ainda, não sou mais submissa, digamos assim, me submeto em algumas coisas, numa política de boa vizinhança, tem certas coisas que eu sei que vai dar conflito e eu não quero, tem outras coisas que não abro mão, ele tem a necessidade de continuar sendo o que sabe mais, ele lida mal com isso de “ não sei tal coisa. Então tem certas coisas que eu sei que vai fragilizá-lo e eu não quero, a gente tem uma relação mais independente, ele é uma pessoa legal, divide tudo, eu gosto de viver com ele, continuo apaixonada, admiro ele, mas não morro mais, estou mais inteira e descobri que sou mais forte que ele, aliás eu descobri que as mulheres são mais fortes que os homens, e isso dá uma frustração, porque no fundo lá no inconsciente, você está esperando o **príncipe encantado** e de repente você descobre que ele não existe, eu descobri assim, que não é ele, nenhum outro vai ser o que eu quero que seja, baixei o meu nível de expectativa, dá uma sensação de solidão. (COLETTE)*

É importante perceber os territórios onde se dá a negociação, “me submeto em algumas coisas, numa política de boa vizinhança”, a cumplicidade,

“ele é uma pessoa legal, divide tudo, eu gosto de viver com ele, continuo apaixonada”, o conflito, “tem outras coisas que não abro mão”. Isso ajuda no processo de amadurecimento das relações, a estabelecer casamentos mais igualitários. Se isso não for possível, hoje com uma maior tolerância social em relação à separação, reduz-se a chance de permanência num casamento infeliz ou insatisfatório. Mesmo assim, demorou alguns anos para que a maioria de nossas entrevistadas assumisse o fracasso no casamento e conseguisse romper com a relação, mesmo porque eram depositárias de uma expectativa, de mantenedoras da família.

*Fiquei casada 15 anos, acho que faltava muita coragem de **romper** com a expectativa de abrir mão, deu errado, fiz uma besteira, não queria admitir isso, achava que tinha que investir mais um pouco, as criança iam ficar sem pai, tentava preservar isso também (SIMONE)*

*Mas essas coisas que eu suportei tem um pouco que ia ser muito ruim para o meu pai uma separação, eu tentei segurar um pouco por aí, pelos filhos também, toda essa gama de coisas que você não sabe até onde **romper** e nem quando vai conseguir **romper**. Eu lia, eu tentava, eu pensava, acreditava que conversando com ele alguma coisa ia melhorar. Isso não aconteceu. É difícil separar. Tinha a coisa do emocional, da responsabilidade, da vergonha de ser separada, eu não tinha ninguém, nenhuma pessoa que eu pudesse contar com o apoio. Uma história contraditória, eu tinha uma determinada posição, eu entendia as coisas de um jeito, mas mantive a relação nesse esquema, foi muito ruim (MARIE-ANGE).*

Se, por um lado, é difícil para as mulheres romperem com o casamento, por outro são sempre elas que tomam essa decisão. Os homens nunca saem, a não ser que tenham encontrado outra mulher, caso contrário eles não rompem com a relação. Algumas pesquisas dão conta que os pedidos de divórcio são feitos em sua maioria (90%) (por mulheres; os homens quando pedem o divórcio (70%) já têm outra mulher.

Ele não saiu, eu fiz a minha mudança num final de semana, ele tinha ido pescar, e quando ele voltou da pescaria eu não estava mais, fui morar num lugar que era basicamente uma favela não tinha dinheiro para pagar, o meu dinheiro era para o básico, o dele, hora a gente podia ir até SP, hora passava fome, ele era assim, daí eu fui morar onde podia pagar com o meu dinheiro, fiquei lá 1 ano, e nesse tempo ele foi me procurar várias vezes, e eu não quis, já vivi, já passei, já somei, já dividi, tá feito, enterrado, acabou (PAULE).

Quando eu decidi pela separação, foi dramático, ele não queria. Depois que eu descasei pensei gente por que eu não fiz isso antes? porque foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, faz pouco tempo, é pouco tempo. No entanto foi mais interessante do que toda a minha adolescência, do que toda a minha vida de casada, pude perceber um monte de coisas, saber um pouco mais sobre o meu corpo, sobre a minha pessoa, as minhas vontades (MARIE-ANGE)

O que percebemos é que para essas mulheres o casamento era uma prisão, algumas cumpriram menos tempo que outras, mais a saída lhes dá igual liberdade, de escolha, descobrem seu corpo e uma sexualidade até então desconhecida. Nem sempre é a ruptura no casamento que determinará o amadurecimento, importante nesse processo é entender onde se estabelecem as relações de opressão, onde se consegue romper e construir uma nova relação, mais igualitária, solidária.

Eu estou feliz, acho que já tenho maturidade suficiente, para escolher melhor dessa vez, escolher um companheiro que me respeite enquanto pessoa, enquanto mulher, acho que tem uma coisa muito legal entre a gente, a gente partilha muito as coisas, em termos de concepção daquilo que a gente faz, a gente tem muita cumplicidade, é a primeira experiência que eu tenho, de uma relação de igual para igual, eu não tive muitas experiências, eu não suporto mandar e não suporto ser mandada, então está legal, uma relação de companheirismo, eu tenho muita dificuldade em ser frágil na relação, para mim é uma coisa nova agora, de vez em quando me por numa situação de mais fragilidade, de que o outro cuida de mim. Eu tive que trabalhar muito para dar conta desse lado mais feminino meu, e a relação com ele está me ajudando (SIMONE).

É interessante observar que, na realidade, o que essas mulheres buscam é um companheiro que compartilhe, que aceite e que estimule, entre outras coisas, o seu crescimento profissional. Em síntese, essas mulheres rompem com o conceito que estabelece que se a mulher se destaca em determinado campo, deve relegar a família ou a vontade de formá-la, ou a maternidade. Estas mulheres, não sem uma apreciável cota de conflitos, estão conseguindo um equilíbrio entre a maternidade, o amor e a profissão.

O nosso objetivo com este estudo era delimitar um pouco como a família é determinante na formação e reprodução do "sexismo". Em momento algum tivemos a pretensão de fazer um estudo exaustivo do tema. Mas o que gostaríamos de firmar como posição é que se queremos transformar a sociedade, se queremos uma outra forma de relação entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, é fundamental que pensemos nas novas/velhas relações familiares como um espaço fundamental de análise, que interfere nas relações de produção, nas relações econômicas, nas afetivas, pessoais e ..., claro que com maior ou menor intensidade dependendo da época, e das transições que vão ocorrendo na família e na sociedade através dos tempos.

5.2 TRABALHO

A integração de mulheres e homens no mercado de trabalho, embora não aconteça nas mesmas condições, dado a divisão sexual do trabalho (que se aprofunda e se torna mais discriminatória à medida que vamos fazendo interseções de classe, de raça, de geração), amplia, inegavelmente o espaço de suas experiências, por essas serem diferentes daquelas vividas no espaço

doméstico. Por outro lado, ainda persiste aquela idéia de que a mulher pode trabalhar fora, contanto que em casa tudo fique organizado, que haja conforto para o marido e para os filhos. *“Eu fazia dupla jornada, dava conta do serviço em casa, ele me ajudava em algumas coisas, quando estava disposto, não muito.”* (MARIE-ANGE). Quando a questão da cooperação familiar entra em prática, sempre o que se fala é em ajudar a mulher, aí está embutida a idéia de que essa é uma obrigação dela. Por isso se fala em ajudar e não em dividir.

A mulher é sempre vista como a outra pessoa, como a companheira, a dependente. Isso acontece na sociedade como um todo, e é perfeitamente compreensível que as mulheres sejam menos consideradas e que se diga que as mulheres se discriminam a si próprias. Todos nós introjetamos, absorvemos a ideologia dominante, mesmo que nos prejudique. A partir da discussão é que reverteremos esse processo. As mulheres que participam de associações e de entidades de classe, à medida que vão discutindo a sua situação, a sua posição na sociedade, vão assumindo uma postura crítica, e este tem sido o processo de libertação da mulher. Não é um processo que se faz isoladamente, é através da discussão, da participação, da luta. A partir do momento que ela toma consciência é que ela passa a ter uma outra atitude. À medida em que a mulher cresce, exige que o companheiro cresça junto, força novas posições do homem. Vejamos o caso desta entrevistada:

Essa relação é bem diferente da primeira, eu estou bem diferente, equilibrada, enquanto mulher trabalhadora, e ele também é uma pessoa equilibrada nas questões dele, agora a casa, roupa, comida, seja lá o que for é um problema individual das pessoas, você tem que trabalhar para comer, e tem que lavar a sua roupa para poder usar. Agora como um coletivo por menor que seja administra isso é outra história, com o meu companheiro, por exemplo, se ele chega antes já faz o que tem que fazer, nós não temos empregada, a limpeza é minha e dele, a gente tem que ver

os compromissos nossos. É obvio que as cobranças existem, mas é uma coisa dos dois, mas eu noto uma coisa, eu acho que é uma coisa de mãe aí, você não pode de forma nenhuma, e era uma atitude que eu tinha, muito maternal com o marido, deixar tudo pronto, dar na mão, eu entrei nessa outra relação e acabei com isso, ninguém trouxe mãe junto, a única mãe que eu sou é da minha filha, e quem me ajuda nos cortes é ele em relação a ela, eu acho que a figura masculina ajuda muito. Eu fui educada para ser mãe, mas isso em relação ao homem eu acho que consegui romper. (PAULE)

A visão que a própria mulher traz de casa, ou seja, como divide as práticas de trabalho na sua casa, oferece alguns indicadores. Até mesmo quando o companheiro começa a ajudar muito, ela se questiona: eu não estou dando conta de tudo, mas sou eu que tenho que dar conta de ser a mulher ideal, aquela que faz tudo e ainda consegue trabalhar fora e enfrentar uma série de problemas. Às vezes, ela sente-se até mal quando ele ajuda (é claro que isso está mudando). Ele ajuda, mas não divide, dividir é outra coisa. É entender que as tarefas domésticas são responsabilidade de todos os moradores da casa e, portanto, devem ser divididas. Quem é que se preocupa com os filhos, com o que fazer no almoço todos os dias? Algumas mulheres têm dificuldade em romper com toda essa carga cultural:

Eu acho que um pouco ainda fico tentando fazer o que a minha mãe fez, dar conta de tudo sozinha, acho que bem menos que ela mas ainda faço, ontem me deu uma crise de cansaço, eu ainda tenho na minha cabeça que a maior responsabilidade com minha filha é minha, conscientemente eu sei que estou errada, mas na hora, é aquela coisa, vou sair e deixá-la, não é justo, é aquela coisa de ser santa, não pode descer do paraíso, ele me ajuda mais com as coisas da casa do que com ela, e eu acabo assumindo, acho que no fundo eu gosto de me sentir insubstituível. (COLETTE)

A educação deve ser no sentido de as pessoas se tornarem auto-suficientes. Por muito tempo achou-se que cuidar de tudo era amor, mas não é. Por outro lado, se você é sozinha, todas as responsabilidades são suas; se, por

um lado, isso ajuda a reorganizar o cotidiano de outra maneira, por outro é muito desgastante, como confirma a fala desta entrevistada:

Minha vida está bem mais organizada, eu não sou neurótica, não tenho ataque se alguém for dormir sem tomar banho, nem acho que tem que comer verdura todo dia, então a gente vai se virando, tem horas que eu me sinto muito sobrecarregada, dá vontade de não levantar da cama. (SIMONE).

O questionamento desencadeado pelos movimentos de mulheres apenas forneceu elementos para uma mudança nas condições de vida da mulher. Mas estas mudanças ainda estão em curso, convivemos com a nova e a velha mulher o tempo todo:

Acho que tem uma pressão na nossa geração de se ter sucesso profissional, e obviamente na última hora que resta dar conta da casa, dos filhos, eu sinto muito essa pressão, principalmente depois que tive filho, eu dei uma esfriada na questão do trabalho, por opção, não vou abandonar o trabalho, mas vou cuidar da minha filha, então as pessoas cobram, agora você vai virar mãe, é uma cobrança ao contrário. (COLETTE)

Nós vivemos por muito tempo, e podemos dizer que em grande parte as mulheres vivem ainda, entre dois modelos contraditórios, aquele que se refere a ser boa dona de casa (mãe, esposa) e boa profissional. Para poder satisfazer essas expectativas de mãe, esposa, dona de casa exemplar e profissional competente, papéis que sempre foram considerados incompatíveis, a mulher “corre”, no sentido literal da palavra, entre um modelo e outro dando vida a um personagem permanentemente exigido, ansioso e finalmente esgotado.

Para os homens, o trabalho doméstico, apesar de alguns afirmarem não haver uma divisão tão marcada nas tarefas, não é problema, eles até ajudam. Mas não é uma preocupação sua, historicamente nunca foi, ao contrário.

Em casa tinha divisão de trabalho, a gente tinha turno para levantar e fazer as tarefas, todos entravam no trabalho desde cedo, eu por exemplo desde cedo aprendi a lavar louça, não tinha divisão, é evidente que tinha toda uma cultura, uma carga acumulada mas que não impedia que determinadas tarefas supostamente femininas na prática a gente acabasse fazendo, limpava casa, varria o quintal, não tinha esse preconceito de trabalho de mulher. (VINCENT)

O espaço doméstico ainda é um território inexplorado para a maioria dos homens, e muitas mulheres ainda delimitam até onde os homens podem ir. É o que nos mostra a fala deste entrevistado:

Quando eu estou em casa, então, geralmente eu faço saladas, dividimos as coisas, dividimos o trabalho, mas sempre ela assume mais do que eu. Ela acaba tendo dentro de casa um trabalho muito maior que o meu, eu sei disso, eu reconheço. Enquanto eu estou vendo TVA ela está na cozinha, fazendo coisas e eu vou ver o que que é, nessa altura da vida, eu ponho o lixo para fora, ela vai arrumar as roupas. Ela também tem uma cultura que a casa é o espaço dela. (HENRI)

A existência da diarista, da empregada doméstica em grande parte de lares brasileiros é uma particularidade nossa, e esse fato influi decisivamente nas possibilidades de uma parcela da população feminina (apesar de demonstrar o limite da outra), ao mesmo tempo que tende a atenuar os conflitos entre os casais à medida que atenua a sobrecarga de trabalho doméstico. Foi o que pudemos observar na maioria das falas, e em especial, na deste entrevistado:

A gente tem diarista, as atividades, estão racionalmente mais concentradas na minha companheira, racionalmente, porque a gente discutiu isso, mas a gente divide algumas atividades, por conta que ela tem as tardes livres, e eu até recentemente não tinha nenhum horário livre, ultimamente eu tenho estado com as noites livres, mas me liberei para poder estudar, eu fico das 7 da noite até umas nove e meia com minha filha, dou banho, faço a janta, lavo a louça, roupa a gente divide, pelo menos a cada 15 dias eu limpo os banheiros, ela está muito mais sobrecarregada, mas eu ajudo. (LAMBERT, casado, 31 anos)

Cada caso é um caso, cada família tem a sua forma de viver e se relacionar, e cada pessoa tem que encontrar uma forma própria de melhorar a sua vida. Mas, sem dúvida alguma, qual seja a sua decisão no sentido de querer mudar as relações também no espaço doméstico, devemos ser:

(...) definidas, decididas, senão acabamos como um disco arranhado, onde a agulha bate e fica repetindo os mesmos ruídos desafinados. Se for necessário “apelar” para chamar a atenção de um irresponsável, seja qual membro da família for, então apele. Arme um exagero, deixe o mundo desabar, deixe o serviço do outro acumular, o quarto virar um terror, o lixo criar vermes, se for o caso, mas não faça o serviço que foi delegado à outra pessoa. (BRAGA, 1991, p.60)

Socializar o trabalho doméstico deverá incluir, não só os afazeres da casa, mas o cuidado com as crianças, e a divisão de trabalho, também, entre elas. Lembramos mais uma vez que dividir é diferente de ajudar. Na divisão, todos são responsáveis pelas atividades desenvolvidas, enquanto a ajuda remete sempre a um responsável principal, no caso a mulher. A divisão é obrigação; a ajuda é esporádica e ocasional.

Embora a integração de homens e mulheres no mercado de trabalho não se dê da mesma forma, é interessante notar que o magistério como vocação aparece tanto na escolha de mulheres como de homens. Toda a produção no campo educacional até um determinado período foi perpassada por esse tipo de idéia, uma vez que ela vinha envolvida pelo domínio da Igreja. A noção de vocação e a de missão vêm dessa idéia mística em relação ao ensino.

Se a gente acreditar que pode ter uma vocação dentro de outras que a gente possa ser, eu quis ser professora, eu brincava de ser professora, outra também, porque na época da minha adolescência era status ser professora, meu pai achava que por ser mulher tinha que fazer magistério, mas eu gostava, pretendia ser professora, mas eu acredito que apesar de todo o ambiente ser propício, eu queria fazer magistério. (NADINE)

Uma professora de literatura me incentivou a isso. Eu gostava muito de literatura, estava na sala declamando Castro Alves, e me entusiasmei muito com aquilo, gostava muito de ler. Ela disse assim: Você seria um ótimo professor, se você quiser, tem que fazer isso, e isso. Eu toquei em frente, vendo que eu gostava daquele ambiente de escola, de ensinar, sempre gostei. É por isso. (HENRI)

Pelo fato de o magistério primário, até pouco tempo, ter sido uma das únicas vias de trabalho aberto às mulheres (para este tipo de trabalho as mulheres estavam liberadas), a concepção que vai se instalando é aquela de que o magistério seria uma profissão feminina, porque nela a mulher teria a possibilidade de exercer o que é especificamente sua função: cuidar de crianças. Podemos observar na fala a seguir a presença da idéia de que a profissão de professora é algo análogo às funções de mãe, extensão do trabalho doméstico, e suplementar ao trabalho do marido.

Ser professora? Na realidade porque minha mãe sempre me dizia, que as mulheres deveriam ter uma profissão para ajudar em casa os maridos, e é obvio que eu não ia sair técnica eu tinha de ser uma professora, era melhor para a mulher, eu ia ser mãe e aquela coisa toda, só que eu gostei, e hoje essa concepção mudou, tanto que se eu tivesse de escolher uma profissão hoje, eu escolheria essa mesma, não sei se é pelo hábito, mas eu gosto muito de trabalhar com crianças, não só trabalhar com crianças, eu gosto muito de ver as pessoas criando, pode ser velho pode ser novo. (PAULE)

É interessante notar que o magistério, por muito tempo também, foi usado como barganha política, e que muitas pessoas foram nomeadas sem ter o menor preparo para exercer tais funções.

Eu não escolhi, foi por acaso, eu fui entre as três mulheres a que mais gostava de estudar de ler, eu gostava de estudar, era empregada doméstica para poder estudar, ai por acaso uma vizinha minha, na época em que o Nei Braga começou a nomear todos, sem concurso sem nada, ela disse, você não quer ser nomeada? Ai eu fui, e foi assim que recebi minha nomeação como professora, depois interrompi fui dar minhas voltas pelo mundo. Ai eu vi o sonho que eu poderia realizar dentro do magistério,

quer dizer tudo o que eu não tinha feito antes, eu descobri que era uma questão de método, aí foi, comecei fazer reciclagem, tive a felicidade de encontrar pessoas interessantes, fui fazer pedagogia e foi assim que eu fui caminhando. (GEANNETTE)

O que determina a escolha também era o fato de se acreditar que, através da educação, a gente poderia mudar o mundo. Por um tempo vivemos um certo otimismo pedagógico, podemos dizer que foi como uma reação ao pessimismo que se alastrou, após a crítica do caráter reprodutor da educação.

Minha mãe é pedagoga, e na época até como negação, eu falei que não seria pedagoga, mas acabei indo para o lado da educação, achando que ia ser legal, provavelmente porque vi isso a minha infância toda, mas o que definiu mesmo foi a questão política, achava na época que a educação era uma forma de transformar o mundo. Hoje eu não acho que seja um fator fundamental de transformação, acho que tem um papel, cada vez mais limitado. (COLETTE)

Como vimos, cada pessoa escolheu o magistério devido a motivos, motivações diversas, e com certeza demorou algum tempo para que cada um se adequasse a essa função, demorou algum tempo para que a consciência política aflorasse,

(...) a gente demorou pra saber o que que realmente a gente faz, as pessoas reproduzem tarefas e isso é lamentável, mas depois vem o amadurecimento, acho que no nosso caso vem muito mais com a atividade sindical, atividade política, quando se toma consciência e conhecimento do que é realmente a realidade social, e onde você passa a ver que o professor exerce uma função específica de formação, de mediação e de transformação da sociedade, para melhor e aí então você passa a imprimir a tua marca pessoal, você readquire sua função de mestre realmente. A formação da gente não foi uma formação questionadora, foi uma formação mais por afirmação, e que a gente nunca contestava, e de repente a gente se viu professor, a escola determinava funções, o livro didático era o principal manual, e era isso que a gente fazia, sem ter muita consciência política desta questão da atividade do professor, que veio com o tempo, e é evidentemente um salto de qualidade em todo o seu trabalho, melhora a relação com os alunos, eles percebem, e você dá uma outra direção ao seu trabalho. (LUC)

Se a educação é um ato político, trabalhar com educação é exercer uma função política, quer se saiba ou não, quer se esteja consciente ou não. Considero fundamental apreender nas falas das (os) entrevistadas (os), qual é a concepção de trabalho, do seu trabalho, o que orienta a sua prática educativa. Num sentido mais geral, todas (os) concordam que o trabalho é a base da existência humana, e que a humanidade se caracteriza como tal à medida que mulheres e homens vão produzindo para garantir necessidades humanas.

No entanto, não existe uma única concepção de trabalho e, portanto, uma concepção historicamente homogênea. O que podemos perceber é que o trabalho, ao mesmo tempo que tem toda essa referência de realização do ser social, que se objetiva através da produção e reprodução da existência, tem, mesmo sendo um trabalho pedagógico, no qual produção e produto não se separam, a marca do tripalhos como bem define essa entrevistada:

Eu vivi num meio, onde as pessoas trabalhavam muito, meu pai trabalhava muito, minha mãe trabalhava muito, trabalho para mim sempre esteve associado à idéia de sacrifício, de uma coisa sacrificada, trabalho como algo que te tira a liberdade, tira a energia, a força, que te priva de viver te dá muito poucas possibilidades de viver, eu vi isso a vida inteira no meio que vivi. Hoje eu vejo que trabalho ainda tem muito disso, eu continuo percebendo que as pessoas trabalham muito, e que o trabalho tem muito de desgaste e pouco de satisfação, mas consigo ver que trabalho também pode ser uma forma de satisfação, de realização. (CLAUDIE)

Apesar da frustração, do desgaste, da não compensação financeira, todos (as) os (as) entrevistados (as) sentem-se realizados (as) no seu trabalho. Acredito que isso acontece devido ao desenvolvimento da consciência política. O que em maior ou menor grau lhes possibilita o entendimento de que através de seu trabalho eles/elas vão construindo a história, a cultura, vão construindo humanidades. Senão vejamos:

Eu estou entendendo que as coisas se constroem pelo trabalho, eu enxergo isso tanto no cotidiano, como se fosse uma análise mais geral do mundo, da sociedade, a gente sempre está construindo as coisas, e constrói-se através do trabalho, organizando os meios, empreendendo esforço, se organizando para isso. O trabalho do professor (a), ele tem um limite, porque na verdade você trabalha muito mais no nível da consciência das pessoas, como as pessoas compreendem as coisas, do que efetivamente um processo de intervenção mais direta, mas eu tenho encucado muito, comparando o tipo de trabalho intelectual que a gente faz enquanto professor (a), e outras áreas do trabalho intelectual, na área da educação, quando você elabora o conhecimento, você tem que pensar a intervenção também, a gente não tem muito direito para diletantismo intelectual, quando você está discutindo a concepção necessária enquanto professor (a), enquanto pedagoga, você tem que encaminhar isso para uma forma de intervenção, porque quer queira você, ou não, a escola está lá, as crianças estão lá e se você não souber o que fazer, vira a escola de ponta cabeça, então essa necessidade de intervenção dá para o trabalho da gente a possibilidade de não escapar de um vínculo mais forte entre a teoria e a prática, é algo que se impõe pela natureza do trabalho da gente, ou a gente vincula, ou a gente não consegue realizar esse trabalho, em outras áreas esse vínculo pode ser mais tênue, ou não tão explícito, na educação não, no trabalho do professor não, não dá pra você trabalhar sem uma concepção, sem uma teoria e, por outro lado, essa teoria nunca tem valor em si, ou ela te encaminha para uma prática ou ela não serve para nada, não basta escrever livros, ou produzir teses, porque fica a meio campo, é um trabalho rico. (SIMONE)

O aprofundamento, o estudo, a disciplina, a praxis política permitem a este entrevistado resgatar um entendimento de trabalho como uma relação de construção:

Eu entendo trabalho como uma relação de construção. E ninguém constrói nada se não for com um mínimo de afeto, de gosto. Então trabalho para mim é essa relação de prazer e da responsabilidade e da obrigação juntos. Porque tem no trabalho um elemento externo que tem que ser incorporado, fundamental, que é a disciplina. Isso é vital, se não você não termina nada, não faz nada. Eu acho importante. Agora é preciso que você esteja vivendo com teu ser inteiramente lotado naquele momento. Isso para mim é trabalho. Agora o meu trabalho no sindicato é algo prazeroso. Se tivesse que escolher evidentemente eu não escolheria esse, a gente acaba sendo produto das circunstâncias. (LUC)

Segundo FRIGOTTO,

a interiorização da concepção burguesa vai estruturando uma percepção ou representação do trabalho que se iguala a ocupação, emprego, função, tarefa, dentro de um mercado (de trabalho). Dessa forma, perde-se a compreensão, de um lado, de que o trabalho, é uma relação social e que esta relação na sociedade capitalista é uma relação de força, de poder e de violência; e, de outro de que o trabalho é a relação social fundamental que define o modo humano de existência e que, enquanto tal não se reduz à atividade de produção material para responder à reprodução físico-biológica (mundo da necessidade), mas envolve as dimensões sociais, estéticas, culturais, artísticas, de lazer etc. (mundo da liberdade) (1989, p.14).

Essa forma de perceber o trabalho não acontece de forma linear, e sem contradições:

Hoje eu percebo que o trabalho é uma construção e que a gente se constrói pelo trabalho, mas continuo achando que as pessoas trabalham demais, que elas prefeririam o ócio, aquela percepção que eu tinha do trabalho como sacrifício ela é mesmo, para a maioria das pessoas, as pessoas trabalham até a exaustão. Eu acho que trabalho demais, 40 horas por semana com alunos é um massacre, me tira o tesão, me tira a vontade de ir ao cinema, a energia pra ler, me deixa vazia, eu me sinto um boneco de carne, mas é o trabalho que eu ainda gosto de fazer, gosto pelo contato humano, esse lado das relações de tratar com gente me atrai. Mas com excesso de trabalho te escraviza você não consegue construir nada, pode construir para os outros, e eu acho que o prazer do trabalho está em você construir pro outro, mas construir pra você também. (CLAUDIE)

5.3 SINDICATO

No século XVIII, a classe trabalhadora, essa “livre força de trabalho”, começa a perceber que a máquina não está a seu favor como as ciências da época apregoavam, que às máquinas eram relações humanas, políticas, e começou a depositar sua esperança em seus companheiros, **os trabalhadores**. Surgem os sindicatos. No início as mulheres não eram aceitas em sindicatos. A participação da mulher é mais difícil por vários motivos, pela educação que ela

recebe, pelos encargos que ela tem, pelas duplas e triplas jornadas; por tudo isso é muito mais difícil, mas ela é fundamental e não deixa de acontecer.

A emergência da problemática das trabalhadoras nas práticas e discursos sindicais no Brasil data do fim da década de 1970 (LOBO, 1991). A presença das mulheres nos sindicatos era praticamente inexistente nos anos 70, e mesmo atualmente é pouco expressiva em relação à participação masculina. Segundo dados da **Folha de S. Paulo** (24/09/90), do total da população filiada a alguma entidade de caráter sindical em 1990, apenas 25,6% eram mulheres. As mulheres reconhecem que aprendem muito no espaço sindical, vejamos o sentimento desta entrevistada:

Eu aprendi muito no sindicato, o sindicato para mim é uma experiência muito dolorosa por um lado, porque é um lugar onde eu dei um golpe fatal nas minhas ilusões, e é bom não ter muitas ilusões, é bom ter algumas, mas não tanto quanto eu tinha. E por outro lado foi uma experiência de amadurecimento muito grande, foi onde eu aprendi a ver a sociedade, foi onde eu descobri o mundo em que eu vivo, foi onde eu comecei a entender a sociedade e descobrir porque meu pai trabalhava tanto, e porque o trabalho estava associado a tanto cansaço, a tanto sofrimento. (CLAUDIE)

O Sindicato é sem dúvida apesar de todos os embates e sofrimentos que poderemos muito bem destacar na própria fala das pessoas entrevistadas, um espaço privilegiado de consciência e de avanço para as mulheres. "Ainda que represente prioritariamente o setor formal de empregos e atravesse, no momento, imensas dificuldades no contexto de globalização da economia e de mudanças no mundo do trabalho, este movimento, historicamente, é um instrumento fundamental de organização e de luta, no qual as trabalhadoras buscam impor-se como sujeito. (DELGADO, 1996, p.139)

O sindicato foi uma coisa assim de afinidade, porque em outros momentos eu fui convidada para compor chapa, eu nunca fui, até em alguns momentos veio aquela desculpa, tenho filho pequeno, meu ex era completamente contra, achava que eu não devia ir, porque não era lugar de mulher, uma vez quando ele me deixou para uma reunião, ele gritou, mulher antes de participar dessas coisas tem que dar conta do serviço em casa. Todos ouviram, eu queria morrer, eu vim para o sindicato porque eu estava a fim de romper com as coisas e o pessoal naquele momento tinha muita afinidade com o que eu pensava. Eu vim para uma diretoria que era majoritariamente feminina só tinha um homem. (MARIE-ANGE)

O movimento sindical em quase todo o mundo tem desenvolvido políticas voltadas à construção da igualdade entre homens e mulheres, tanto no mercado e nas relações de trabalho quanto no interior do próprio sindicalismo. E cada vez mais as Centrais Sindicais ultrapassam o nível do discurso para passar à adoção de medidas concretas que modifiquem realmente as situações discriminatórias. Isto ocorre por pressão das mulheres, organizadas no sindicato ou fora deles.

Por outro lado, felizmente, cresce entre nós o sentimento de que é preciso mudar as relações sindicais, superar a prática do “murro na mesa”, aprofundar a democracia e aproximar o sindicato da vida cotidiana. O desejo de mudança, de transformação, de igualdade da vida, faz com que se rompam aspectos conservadores que persistem no meio sindical. Refazer as relações políticas e humanas entre mulheres e homens, homens e homens, mulheres e mulheres é parte fundamental e indissociável desta mudança, é parte da luta por relações sociais mais justas e compensadoras. Nós não jogaremos para o futuro a oportunidade histórica que temos na mão de avançar nesse processo. Temos, portanto, que entender o campo da dominação sem medo de quebrarmos a nossa unidade:

O campo da dominação é muito mais complexo do que só a classe, embora a gente nunca possa perder isso, isso é um perigo, eu vejo essa questão aqui dentro, que quando as questões de gênero de raça se sobrepõe a questão de classe, eu acho que o principal, o mais forte elemento de dominação é o elemento de classe, e quando nós perdemos isso, nós muitas vezes transformamos aliados em inimigos, agora é obvio que é mais fácil dominar, aprofundar a questão da classe quando a cultura coloca outras inferioridades como a raça, o gênero. Agora, o bom é essas coisas estarem interligadas e virem juntas. (LUC)

Unindo as dimensões, de exploração de classe e as de opressão de gênero, criam-se melhores condições para se estabelecer um projeto de interesse

para o conjunto da classe trabalhadora. Por outro lado, muitas falas demonstram a falta ainda de uma consciência da necessidade de se discutir as relações de gênero. O que leva as mulheres num primeiro momento para a luta sindical é a consciência de classe, como podemos muito bem analisar nas falas a seguir:

A participação das mulheres não está ligada a uma consciência de gênero, está ligada a uma consciência de classe. Gênero secundário, não pinta aqui. Tem uma secretária nossa que trata de gênero, mas isso não vem para a mesa, como relação quotidiana. Vem como evento. (LUC)

A militância das mulheres no sindicato, não passa pela consciência de gênero, ainda que muitas exijam essa consciência de gênero dos homens, mas eu me senti muito mais agredida dentro do sindicato pelas mulheres, do que pelos homens, eu encontrei muito mais homens solidários comigo do que mulheres, nessa questão específica que estava te falando, eu descobri isso vivendo. (CLAUDIE)

O que leva as pessoas para o sindicato, é a questão do poder num primeiro momento, depois de estar lá é que a mulher se agrupa enquanto gênero, eu acho que há muito pouca consciência, a mulher ainda quer o homem como cabeça, a discussão feminista ainda está muito presa na disputa de espaço, e não a igualdade, se ela não sair dessa discussão da luta de espaço, de quem tem poder, se é o homem ou a mulher, e partir para a discussão da igualdade de condições, as mulheres não vão conseguir conscientizar os homens, porque os homens são machistas mesmo, eu sou machista, e 100% dos homens que estão aí na esquerda, e que no discurso são feministas, de fazer passeata, são machistas. (PICARD).

Isso vem mostra que nós mulheres, também, temos que nos confrontar com o aprendizado socialmente recebido, que nos incute uma auto-imagem de dependência e incapacidade que faz com que observemos comportamentos diferenciados também nas mulheres. Existem mulheres que reproduzem o padrão masculino de fazer política (a competição, o conchavo, a agressividade, a linguagem dura e impessoal, o descaso com a questão da mulher, distanciamento com as questões pessoais e afetivas), como forma de aceitação, correspondem ao código masculino de uniformização dos sujeitos. Mas em algum momento esse

mecanismo entra em colapso, seja pela pressão de outras mulheres, que esperam um compromisso de gênero das poucas militantes que assumem níveis de poder, seja pela própria vivência pessoal de confronto com situações, explícitas ou não, de discriminação.

As militantes que não se sentem seguras ou dispostas a enfrentar o universo sindical masculino nos termos que ele exige ou que, em face das imensas dificuldades que têm de superar para exercer a militância - em geral sem ajuda do movimento - terminam por se afastar parcial ou totalmente ou recusam assumir postos de direção. Esta atitude é compreensível, mas tem como efeito contribuir para deixar as coisas como estão, não colocando em xeque a situação, e ajudar assim para que ocorram mudanças no interior do movimento. A fala desta entrevistada demonstra muito bem como as mulheres se sentem:

Eu acho que fica essa questão de quem fala mais alto, a gente pode ter a certeza do seguinte, que as próprias mulheres acham que os homens são mais capacitados, os homens sabem melhor os assuntos, e não é verdade. Para presidente tem que ser homem, essas questões são muito difícil de romper, então eu acho que a gente acaba assumindo as mesmas posturas que eles, usa os mesmos métodos, eu fico muito preocupada, que a gente assuma a nossa parte de poder sem violentar a gente mesma, e eles sabem como provocar a gente, eles sabem a sensibilidade que a gente tem, sabem como fazer a gente chorar, porque é muito mais fácil a mulher chorar, porque tem a questão que homem não chora, os homens sabem se controlar, então eles sabem como desestabilizar a gente numa discussão, eles tem muito mais domínio do oral, da expressão, da comunicação, a gente tem muito mais dificuldade por não estar acostumada a ficar se colocando, a argumentar, a contra-argumentar. Então eu acho que a gente tem que se preparar muito mais para isso, e as vezes você sabe que é muito melhor que o cara, mas ele parece melhor muito mais pelo blá blá blá, do que por ação, eu acho que a gente tem que dominar isso melhor para ser tratada como igual na disputa (DOROTHY)

As práticas sindicais acabam reproduzindo as formas tradicionais de divisão (sexual) do trabalho, as mulheres estão nas secretarias “culturais”, de atendimento ao público, investe-se pouco em sua formação política e em sua

trajetória como liderança. O caráter massivo das atividades sindicais reforça a cultura da retórica, da importância de um bom discurso, que agite, que mobilize, que leve a linha do sindicato. Um bom discurso muda os rumos do movimento. O poder no sindicato é exercido, como em tantas outras instituições, pelo domínio do conhecimento, mas, no sindicato, o verbo é conhecimento, é poder. Então uma das principais fronteiras do poder estaria na definição de quem pega no microfone. O preconceito ainda isola as mulheres nos momentos mais decisivos, como os de escolha de direção. As propostas de um sindicalismo de novo tipo, enraizado nos locais de trabalho, nas lutas cotidianas, nas várias formas de resistência, embora tenha incorporado mulheres ao trabalho sindical, pela própria modificação na composição da força de trabalho, são insuficientes para abalar a sólida hierarquia de gênero nas práticas sindicais, nem refletem o crescimento das mulheres no mercado de trabalho. “As mulheres constroem uma prática de silêncio, um silêncio que não é reconhecido como postura, como fala, mas sim como incapacidade, ou delegação permeada por relações de gênero, “construções culturais” a serem desmascaradas se o objetivo é a desnaturalização da divisão de trabalho (e de poder) entre os gêneros” (CASTRO, 1995, p. 43). O que também deve ser denunciado é a forma como algumas lideranças exercem o poder:

Tinha essa coisa da sedução, respeita, respeita, elabora, mas a gente leva pra cama, muitos comentários de nossos companheiros, a hora que você começava a divergir, de dizer que nós estamos precisando ir pra cama, você está começando a divergir, então você está a fim de mim e está brava porque eu não dou bola prá você, no sindicato isso é muito forte, o sindicato tem uma dinâmica muito forte, muito selvagem, para eles essa coisa de você sentir sobre o pensar não existe, você não pode sentir, onde está escrito isso que você disse, e foi muito bom as mulheres terem me dito que eu podia sentir. (COLETTE)

Uma das formas em que a divisão tradicional (sexual) do trabalho se expressa, são pelos próprios cargos que elas acabam ocupando, em geral de secretárias que cumprem mais um papel de assessoria, de vez que, quando é ocupado por um homem, ele tem mais importância. Esta entrevistada, por exemplo, sentia pouca seriedade quando tratava de aprofundar determinadas questões, não se sentia valorizada:

Não existe seriedade, então eu achava que tudo o que eu fazia eu estava ajudando a construir, e não dá. Eu não quero me impor, acho que a gente tem que estar onde é valorizado, onde as pessoas acham importante, onde você contribui realmente. Senão o que acaba acontecendo é que você não contribui, porque a briga, o conflito, ele coloca tantos preconceitos nas pessoas que acaba você não contribuindo, porque as pessoas não aceitam o que você fala, o coletivo acaba criando esse estigma, e isso tem muita em relação a mim e principalmente em relação as mulheres. (LUCIE)

A postura das mulheres no movimento sindical tem mudado. É palpável o crescimento da consciência feminista entre as sindicalistas. A percepção da discriminação de gênero a partir da própria experiência pessoal desperta o sentimento de valorização sua enquanto mulher, e de indignação com as atitudes desiguais. O resultado disso tem sido o questionamento aos padrões dominantes da prática política, ao autoritarismo, ao desrespeito entre companheiros/as e a vontade de criar novas práticas políticas e novas relações entre os gêneros dentro do sindicato. Se bem que alguns entrevistados e entrevistadas acham as mulheres mais autoritárias:

Eu acho que aqui dentro elas são mais autoritárias que os homens, sem dúvida nenhuma, em vez de elas caminharem para o campo da sensibilidade, elas se contrapõem e são muito mais brutas, a relação aqui é complicada. (HENRI)

O que eu vejo é que a discussão da questão de gênero no sindicato, apenas começou, acaba de começar, estamos ainda no prefácio, e vejo mais, que eu enquanto mulher nas discussões com as mulheres, sou muito

mais feminista do que muitas mulheres que estão a vinte anos na militância, porque eu sempre fui solidária com as mulheres, mas nunca fiquei cega, "a mulher está sempre certa", não, a mulher manipula sim, a mulher mente, engana, dissimula, a forma como eu vejo certas mulheres manipularem é o fim. (CLAUDIE)

A consciência da diferença não pode ser confundida com assumir uma forma de identidade feminina, que acaba por legitimar a visão de uma essência feminina, nem de perceber o espaço de poder como encarnado no masculino que domina. Nem se trata de perceber um espaço de poder que feminizaria a política, onde o afeto, a intimidade e a solidariedade, qualidades vistas como inerentes às mulheres, se projetariam espontaneamente na prática política (Lobo, 1991). *Entre as mulheres ocorre uma auto-desvalorização enquanto sexo, ainda mais complexa que a auto-desvalorização enquanto operárias, porque se funda numa não auto-identificação enquanto mulheres, enquanto grupo sexuado. Isso dificulta posturas defensivas comuns que desemboquem em práticas coletivas (LOBO, 1991). A falta dessas práticas coletivas, quando não afasta as mulheres do sindicato, contribui para que ela reproduza o autoritarismo, como podemos ver se explicitar nesta fala:*

Eu me decepcionei com as mulheres e com os homens, acho que as mulheres reproduzem o autoritarismo, ele é muito grande por parte das mulheres, inclusive em mim mesma. Você sair de uma família, onde você é criada para ser dona de casa, submissa ao marido. Eu fiz magistério e minha mãe dizia isso, que era uma forma de eu ajudar o meu marido que o homem ia deixar eu trabalhar fora, porque era com crianças e outras mulheres, minha mãe repetia muito isso na minha cabeça. Então você sai de um sistema de submissão e chega a ser uma liderança do maior sindicato do Paraná,, eu não vejo outro caminho que a gente não acabe reproduzindo a figura masculina da agressividade, do autoritarismo, você acaba reproduzindo principalmente num grupo de conflito, não tinha outro caminho. Não é fácil, e eu falo, digo as coisas, então assusto, muitas vezes ... mas olha tem um monte de mulher no sindicato sofrendo como eu. (LUCIE)

Tanto as regras de mercado como da militância sindical mantêm ainda um padrão masculino de inserção. Esse padrão universal, essa suposta universalidade é um mecanismo que ajuda a manter as desigualdades. O imaginário social que discrimina e subordina as mulheres é, afinal, compartilhado por empregados e empregadores. A dinâmica interna ao próprio movimento segundo a fala de grande parte das entrevistadas e entrevistados, ajuda a reproduzir as relações sexistas. Vejamos como:

A tendência também faz isso com as mulheres. Impõe um ritmo de vencer. Vencer, vencer e vencer, não de convencer, mas conquistar a qualquer preço, vencer, conquistar espaço, isto é a tônica do homem. É a tônica da sociedade machista. Avançar, arrombar portas, tem mulheres aqui dentro do sindicato que são muito duras, sua feminilidade fica para outros momentos, a sua casa, duras, no sentido de disputa de poder, de embutir sua sensibilidade, colocarem a sua feminilidade submissa à vontade de vencer, de ter poder, aí as coisas se azedam, completamente. O sindicato por tradição é uma concepção masculinizada do poder, brutalizada, de conquistar o espaço, quebrar. É a cultura do sindicato, tanto mais agressivo, ele será considerado mais combativo. O agressivo aí não é na forma como ele se relaciona com o poder, não é nem como ele consegue avançar em relação ao crescimento, nas concepções, mas em quem dá mais porrada. E aí é dando um no outro. (HENRI)

Aqui seria bom nos lembrarmos das discussões que Rosa de Luxemburgo fazia com Lenin, insistindo no que para ela era o prenúncio de uma burocracia totalitária. Escreveria ela em 1918 “A liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de maneira diferente”, penso que não conseguimos resolver essa questão entre nós.

O que eu percebo no movimento sindical e que me assusta muito, é a extrema deslealdade nas relações de poder, e o que me assusta mais é que as tendências funcionam como uma seita, todo mundo que está dentro não se questiona, ninguém critica, é como um útero, e eu nunca concordei com esse tipo de participação, de você entrar para um grupo e pronto. Você tem que fechar sempre. Não é para mim isso, e aí o tipo de queimação, o tipo de rasteira que se faz, entre as mulheres inclusive, não difere nada do que fazem os homens. Não há solidariedade feminista entre

as mulheres, há solidariedade entre as mulheres do mesmo grupo, do mesmo campo, aqui dentro eu sofri isso. Tanto que me afastei do sindicato (CLAUDIE)

Como poderemos propor para o conjunto da classe trabalhadora um programa de transformação radical da sociedade,

se os próprios militantes continuam sendo portadores de vírus burocráticos superativos, se eles se comportam com os militantes dos outros grupos, no interior de seu próprio grupo, com seus próximos ou cada um consigo mesmo, como perfeitos canalhas, perfeitos carolas? De que serve afirmar a legitimidade das aspirações das massas se o desejo é negado em todo o lugar onde tenta vir à tona na realidade cotidiana? Os fins políticos são pessoas desencarnadas. Eles acham que se pode e se deve poupar as preocupações neste domínio para mobilizar toda a sua energia em objetivos políticos gerais. Estão muito enganados! Pois na ausência de desejo a energia se autoconsome sob a forma de sintoma, de angústia. E pelo tempo que estão nessa, já podiam ter se dado conta destas coisas por si mesmos. (GUATARI, 1981, p.15)

O que eu acho na realidade é que as tendências encobrem boa parte da dificuldade de relacionamento pessoal, acho que a maioria das brigas são de fundo pessoal, não são divergências de encaminhamento, ou de projeto político. E acho que quem está de fora, mesmo com menos envolvimento de militância política percebe isso, muito mais que nós que estamos engajados naquilo ali há anos. E o que eles saem dizendo é que não é diferente do que a direita faz, as disputas, as brigas, a confusão. E o pior de tudo não é a briga, é o acordo que sai depois da briga, porque os acordos são fisiologistas, oportunistas, eles não estão relacionados com um projeto de sociedade, estão relacionados com um projeto de tendência, que é um projeto de ocupar espaço, e acaba com isso ela fazendo acordo, sendo fora ou dentro do PT, fora ou dentro da CUT. (LUCIE)

A construção da classe operária ao longo do tempo como classe per si envolveu e envolve a disputa dentro da própria classe por projetos, o que é perfeitamente legítimo, tendo em vista que o pensamento socialista vem marcado por um intenso e rico debate sobre os rumos do socialismo. O que não tem sido questionado, o que não tem sido devidamente analisado entre nós é a forma como disputamos esses projetos, o quanto temos sido donos da “verdade revolucionária”. “É meu grupo, é minha tendência, é meu jornal, a gente é quem

tem razão, a gente tem a linha da gente, a gente se faz existir se contrapondo às outras linhas” (GUATARI, 1981, p.16). Concordamos com LOURO, quando ao discutir as dimensões políticas das relações de gênero, afirma que; “Temos de aceitar - ainda que isso possa parecer desestabilizador e pouco confortável - que nossas certezas teóricas são sempre provisórias, precisam ser provisórias; afinal, esta parece ser uma característica indispensável a uma (um) intelectual comprometida(o)” (1996, p.17). Precisamos mudar essa dinâmica, sob pena de não só perdermos um contingente muito grande de militância, mas de não conseguirmos aglutinar os (as) trabalhadores (as) em torno de um projeto alternativo para a sociedade que ai está.

É uma dinâmica horrorosa, autofágica, hoje eu volto para a política mais madura, não achando que eu vou encontrar amiguinhos, na época foi assim, eu achava que todo mundo era amigo, eu pensava, olha a família que eu sempre quis ter, aquela coisa da tribo, eu estava dando uma virada na minha vida, e aí eu descobri que não eram amigos, eram inimigos até. E me afastei muito por isso, foi grande a decepção, hoje quando eu volto a participar, eu vou para participar politicamente, sei que amigos eu posso até encontrar, mais eu não preciso ser amigo, isso foi uma coisa que felizmente eu descobri, que posso ter amigos do outro lado, aquela coisa que você tinha que ficar com as pessoas, todo mundo agindo do mesmo jeito, era uma coisa meio fascista, me afastei por causa desse tipo de autofagia. No sindicato o esquema é muito duro, principalmente pelas disputas internas, tudo bem você saber que vai apanhar da direita, mas do teu companheiro, eu não tenho estrutura pra isso, eu não me conformo e não quero me conformar nunca, essa coisa de um puxar o tapete do outro, porque pensa diferente, essa disputa de poder me cansa me decepçiona, não quero saber mais. (COLETTE)

Outra questão que dificulta o entendimento das relações sociais de gênero, é que ainda persiste no movimento sindical (tanto em homens como em mulheres) aquela visão do geral, de um lado, e do que é específico de outro; primeiro um, depois o outro o que acaba por hierarquizar as lutas, hierarquizar as organizações. Podemos muito bem perceber essas dificuldades nas falas que se seguem.

Quero fazer uma fala que não estão me escutando, eu faço a fala e quero que me escutem, eu vou atrás, porque eu estou acreditando naquilo, nunca nenhum homem me mandou calar a boca, pra dizer bem a verdade, eu sei que tudo isso existe, eu sei que na CUT tem porque já ouvi mulheres falando, mas eu não tenho esse sentimento, eu não sei até que ponto eu nego, ou até que ponto eu tiro de lado, limpo a área para melhor poder passar o que eu acho que deve ser passado, se você é homem e tem uma atitude machista comigo, o que me importa é que eu tenho que passar para você a minha idéia e vou passar, se eu me perder com o teu preconceito, vou criar um problema e a minha idéia não passa. (PAULE)

Eu acho que os movimentos organizados e em especial o movimento de mulheres e de negros que são mais organizados, acho que perdem no conjunto pela sua especificidade do ponto de vista estratégico mais global, eu sempre entendi que a mulher pobre trabalhadora é duplamente ou triplamente explorada ou quadruplicamente quando é negra, eu sempre entendi isso, mas sempre entendi também que a gente tinha que construir algumas parcerias para superar isso, a gente tem algumas direções possíveis a partir de lutas mais gerais, então eu acho que por aproximação a gente tinha que se enquadrar primeiro nas lutas econômicas, nas lutas de opressão social mais ampla, para depois a gente ir avançando na de opressão de gênero, de opressão mais específica em casa, e na opressão de raça e tudo o mais. Acho que dá para fazer a aproximação pelo específico também, acho que muita gente vê o geral pelo específico. A tendência que acabou prevalecendo foi essa dissociação, que as pessoas priorizavam o específico em detrimento do geral, assim como determinadas pessoas priorizavam só o geral e não faziam a mediação para o específico. (VINCENT)

As raízes da resistência em trabalhar a problemática classe/gênero/raça ainda está, por um lado, nesta visão da classe trabalhadora como homogênea, personificada a partir do lugar na produção. E, por outro, é que as tentativas de esclarecimento das condições heterogêneas da classe trabalhadora espalham o fantasma da divisão da classe (LOBO, 1991). Embora seja assumida de maneira menos explícita do que em décadas passadas, ainda é forte na esquerda, sindicatos e partidos a interpretação de que a luta das mulheres divide e ameaça a organização dos (das) trabalhadores(as), desviando as mulheres da luta de classes. Esta foi a base do confronto entre o feminismo e a esquerda. Na base

desse debate estavam as questões da relação entre exploração de classes e opressão de gênero, bem como a confusão entre diversidade e divisão. Ao apontar a diversidade da classe e a necessidade de tratar desde já essas questões, o feminismo não buscava dividi-la na sua ação por uma transformação radical na sociedade, pelo contrário, mostrava que não era só em casa que se era oprimida(o) e nem só na fábrica que se é explorada(o).

O movimento em geral tem uma dificuldade enorme para entender as conexões entre exploração de classe e opressão de gênero. Essa incompreensão é tanto dos homens quanto das mulheres. O que acaba acontecendo é que as resoluções políticas tiradas em congressos acabam não tendo muita consequência na prática, não revertem em políticas concretas, sistemáticas e permanentes de atuação. As ações acabam sendo pontuais e são tratadas como responsabilidade e tarefa das mulheres. O efeito político disso é muito aquém do desejado. Mas as mulheres que participam da direção acreditam que é possível avançar nessa discussão, é o que podemos avaliar na fala desta entrevistada:

Eu tenho uma perspectiva, que nesse mandato, a gente consiga avançar nessa discussão da questão das relações de gênero, que ainda observo certo tabu nos homens, eles dizem que não são machistas, mas estão sempre na retaguarda, e nós não conseguimos expor um pouco os homens, no sentido de eles também estarem colocando as suas questões, do jeito que a gente está vivendo hoje, eu acho que eles também tem dificuldade de estar convivendo com outro tipo de mulher, com essa mulher colocada nas suas relações sociais, deve ser difícil para eles, mas eles não conseguem abrir, o que eu gostaria mesmo era conseguir fazer isso não sei quando a gente consegue fazer. Acho que depende da gente saber construir isso, minha preocupação é que a gente tem mulheres que tem que ser conquistadas nesse sentido porque também são muito machistas, então a gente tem que reconstruir. (DOROTHY)

Uma ação sindical efetivamente voltada para o conjunto da classe trabalhadora deve não só considerar a divisão sexual no mercado de trabalho,

mas articular a produção, o mundo doméstico e o exercício da cidadania. Significa voltar-se para o modo de vida de trabalhadores e trabalhadoras, no nosso caso a maioria é trabalhadora. Os discursos e práticas indiferenciados de chamamento da categoria à participação, atingem muito mais os homens do que as mulheres. Sendo assim, pode-se concluir apressadamente que a baixa participação da mulher se dá devido ao fato de elas terem um baixo nível de consciência, e, portanto, de participação política. Não seria problemas de atuação sindical e de limitações no relacionamento mantido com o setor feminino da categoria. As próprias mulheres que estão na direção só recentemente começaram a ter uma compreensão das relações de gênero.

Agora que eu estou começando estas leituras das relações de gênero, para mim a discussão dentro dessa concepção de gênero ela é muito difícil, porque quando fala questões da mulher, eu sei do que estão falando, da opressão, da falta de espaço, da desvalorização de tudo o que se refere a mulher, mas quando se fala gênero eu entendo o homem incluído aí; relação de gênero, são as relações entre os gêneros, entre homens e mulheres, independente das opções sexuais que façam, da orientação sexual que tenha, A impressão que eu tenho pelo pouco que eu li é que essa expressão relação de gênero, ela vem de um entendimento, que não se pode discutir a questão da mulher sem o homem. (CLAUDIE)

Nessa perspectiva, noções como militância, política são revistas à luz da consciência de classe e das relações de gênero/raça dessa classe. Podemos atualizar a utopia de homens e mulheres, que se querem livres numa sociedade de iguais. Não se pode pensar que o mundo pode ser transformado, ou só pelas mulheres ou só pelos homens, ambos têm de estar juntos em todas essas desconstruções e construções. Não dá para os homens pensarem o mundo sem as mulheres, ou vice-versa. Mas estamos amarrados ainda a uma concepção economicista da classe operária, que desconsidera as relações sociais de gênero e não combatem as práticas que reproduzem e definem um modo feminino e um

modo masculino de pertencer à classe operária (LOBO, 1991) Reconhecer que a classe operária tem dois sexos coloca a questão da discriminação, da diferença, da heterogeneidade, e isso coloca algumas questões que também estão na base da dominação de “classe”. E, apesar de um sentimento de revolta, observa-se um forte sentimento de persistir na luta, e nenhuma dúvida de que é possível fazer diferente:

Eu quando vim para o sindicato, eu vim com esse espírito, com essa vontade, sabe, mas tem outras coisas que tem que se romper, porque o pessoal está há muito tempo nas direções e não quer abrir mão eles querem que a gente venha para cumprir tarefas, mas eu não venho aqui só cumprir tarefa, eu quero participar, fazer o trabalho de base, e quero ter o direito de opinar, tem muita gente que não fez nada e é trazido para a direção porque tem a simpatia de determinado grupo e isso é um absurdo, isso está matando o movimento, a luta dos trabalhadores, aí eu venho pra cá quero trazer música, quero trazer os filhos, agora tem creche, é estatutário, tem que ter creche em todos os eventos do sindicato, mas você vê ainda que as crianças incomodam, atrapalham, ou seja, ainda se está no formal, é politicamente correto fazer isso, então fazem as coisas porque vai ficar bem diante dos olhos dos outros, mas internamente não vejo mudança, mas acredito que pode ser feito de outro modo. (CLAUDIE)

As condições para o exercício da atividades política não são iguais para homens e mulheres. A/o boa/bom militante deve dedicar seu tempo integral ao movimento, as mulheres que assumem casa, filhos não podem responder a essas expectativas na mesma proporção que os homens. A responsabilidade dos homens no âmbito doméstico, familiar não impedem sua participação, ao contrário do que ocorre com as mulheres. De resto, a falta de dados quantitativos desagregados por sexo, torna difícil precisar a situação das sindicalizadas, e os dados recentes sobre a sindicalização no magistério não são desagregados por sexo.

Desde os bolcheviques, as organizações de esquerda adotaram uma espécie de pirâmide de nível de atividade. Primeiro temos as lutas de poder

político e os conflitos no mundo inteiro. Depois, temos as lutas comunitárias, de habitação; depois, os temas de educação da saúde, do bem-estar, da cultura e, por último, as questões referentes à política sexual, da ecologia. Isso acaba hierarquizando as lutas, as organizações; subordina as lutas, isso está colocado para nós ainda hoje.

Como conclusão, procurei estabelecer uma relação entre as experiências tentando compreender através do relato cotidiano das pessoas suas relações, o visível e o invisível. Um olhar sob a perspectiva das relações de gênero que são relações de poder, portanto de luta e resistência. A exploração de classe articula-se com a dominação sexual, com o sexismo. Portanto, é fundamental vermos às relações de classe articuladas as relações de gênero, pois essas relações são também relações de dominação e se expressam na desigualdade política e social entre homens e mulheres, mesmo sendo da mesma classe.

As questões iniciais de crítica e de denúncia da situação das mulheres não são suficientes para explicar o conjunto das relações sociais. Mas o entendimento das relações sociais de gênero, que configuram uma hierarquia entre os sexos, coloca uma nova dimensão no debate sindical. O grande desafio é envolver os homens nesse processo. Agora não há dúvida de que as relações se tornarão mais igualitárias à medida que os sindicatos incorporem as diferenças como construídas e questionem as relações sociais entre homens e mulheres.

6 UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

As reflexões que pude fazer no decorrer deste estudo me levaram a entender que os espaços onde se trabalham as questões relativas às desigualdades de gênero são poucos. As pessoas ainda não estão convencidas dessa dimensão política fundamental, que é a desigualdade de gênero, para ampliar os espaços de discussões, as práticas cotidianas. O meu próprio olhar sobre estas relações também estava de certa forma ainda em dois mundos, o que me impediu de ver outras cumplicidades e oposições que racham esses pólos. O que foi mais importante em toda essa reflexão, e que demorei para perceber, porque a gente é acostumada a trabalhar por contraste, é que, na verdade, homens e mulheres são muitas coisas ao mesmo tempo. Eles como elas têm múltiplas identidades, de gênero, de sexualidade, portanto não são só homens e mulheres, professores e professoras militantes. Com certeza, isso me ajudou a entender os espaços de poder de maneira diferente, não mais o homem dominador, a mulher dominada, claro que sem esquecer a idéia de que uns grupos são mais oprimidos do que outros, e que as mulheres, sem dúvida, têm uma história mais longa de opressão, o que se reflete tanto na sua inserção no mundo do trabalho como na sua atuação política mais efetiva.

No conjunto das entidades sindicais de trabalhadores no Brasil, em 1989, as mulheres são apenas 15% dos membros das diretorias de sindicatos de empregados urbanos, 25% nos de profissionais liberais, 12% nos de trabalhadores autônomos e 7% nos de trabalhadores rurais. Há um grande número de entidades sindicais cuja diretorias é apenas masculina; são 43% dos sindicatos de empregados urbanos, 23% dos profissionais liberais, 54% dos de trabalhadores autônomos e 60% de trabalhadores rurais. (BALCÃO, 1995, p.13).

Historicamente, a concepção que tem predominado, tanto no movimento sindical quanto no movimento operário como um todo, entende a classe trabalhadora como sujeito genérico, o que é insuficiente para compreender as formas como o capital se relaciona com a classe. Essa postura não considerava a heterogeneidade da classe trabalhadora, talvez com medo de quebrar a sua unidade. Hoje está claro que esta classe tem grandes diversidades internas de gênero, raça, de geração e fechar os olhos para essas evidências é querer caminhar ao revés da história. Portanto, desconhecer essas diferenciações internas, oculta as diversas formas de exploração que o capital exerce sobre os sujeitos. “Colocar uma única e permanente base para a luta política representará, provavelmente, a subordinação ou o escamoteamento de outras disputas igualmente significativas”. (LOURO, 1997, p. 53).

De que maneira abordar um campo que pretende conhecer, compreender e transformar as relações existentes entre homens e mulheres, mulheres e homens e homens e homens? É necessário, de saída, criar ou reforçar nos sindicatos as instâncias que elaboram propostas políticas de atuação sobre as relações de gênero. Este é um instrumento fundamental para que se possam criar bases sólidas de argumentação em defesa das questões trazidas pelas relações desiguais entre os gêneros e que mantenham um processo permanente de produção dessas políticas, que devem ser assumidas pelas instâncias de direção. As comissões que elaboram essas políticas não podem mais ser comissões exclusivamente de mulheres, os famosos “guetos”. São problemas das trabalhadoras e dos trabalhadores, portanto devem ser discutidos por ambos.

Há que se enfrentar esse debate do sexismo, que é ao mesmo tempo cultural e ideológico, que perpassa todas as esferas da vida humana (desde casa até o sindicato). Os efeitos do machismo, são muito mais grave do que supõem os(as) sindicalistas, que não se interessarem pelo assunto, ao não conferirem seriedade ao que reclamam as trabalhadoras. Ao se omitir, o sindicalismo está deixando para o capital um flanco aberto no qual ele exerce - com o aval da "classe trabalhadora" - uma superexploração sobre as mulheres.

O movimento sindical tem tido muita dificuldade para incorporar "novos temas" (gênero, raça, geração, preferências sexuais). No caso da discriminação de gênero, as dificuldades são maiores porque extrapola o campo das negociações tradicionais e entra na casa, na família, passa pela relação entre companheiros e companheiras de militância, passa pelas relações que cada um estabelece em casa, com sua/ seu companheiro/a.

Acredito estarmos num momento de grande avanço sobre as questões que abordam as discriminações. No que tange à questão do sexismo, da opressão e discriminação baseada no sexo/gênero, é importante o fortalecimento da solidariedade entre as trabalhadoras, ampliando o leque de resistência às posturas sexistas dentro do movimento sindical. Isto não significa criar uma falsa unidade entre as mulheres que obscureça ou substitua o debate e as divergências políticas entre elas; no entanto, isso funcionará como um inibidor do comportamento discriminatório e, ao mesmo tempo, contribuirá para forçar a conquista de uma relação mais igualitária entre homens e mulheres.

Precisamos de dados objetivos sobre a situação das trabalhadoras, principalmente se o sindicato tem uma base maioritariamente feminina. Está na hora de incluirmos as diferenciações por sexo em nossas pesquisas. Já contamos

com um acúmulo de produções e informações sobre as relações de gênero. Precisamos, portanto, de ações concretas para não só ampliar a presença feminina no espaço sindical, mas para que as mulheres e homens presentes nas direções percebam a sua postura, a sua linguagem muitas vezes sexista, discriminatória, preconceituosa. Essas ações devem ser permanentes, e não ocasionais.

Seguramente estes temas estarão mais presentes no sindicalismo e na esquerda em geral. Eles são fundamentais e estratégicos para a construção de movimentos que se propõem alcançar uma transformação social que não seja apenas formal, mas que seja integral, que mude estruturas, e pessoas, que conceba mulheres e homens como inteiros e iguais (DELGADO, 1995). Espero de qualquer forma ter tornado mais explícito que

(...) de um lado as relações capitalistas expropriam o trabalho e os saberes de mulheres e homens de forma assimétrica, individualizando-as(os), dividindo-as(os). Por outro lado as relações que se estabelecem entre homens e mulheres não são puro reflexo das relações econômicas, mas se traduzem em representações e símbolos com que homens e mulheres enfrentam sua vida cotidiana. São relações também assimétricas porque são assimétricas suas relações com a sociedade. São relações de poder, regidas por leis e normas, tradições e hábitos (LOBO, 1991, p. 170-171).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, B. M. ; PITANGUY J. **O que é feminismo**. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- AMADO, T. **A mulher e a educação formal em perspectiva histórica: Balanço crítico da produção recentes**. São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 1989.
- APPLE, M. W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. Ensino e trabalho feminino: Uma análise comparativa da história e ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, p.14-23, 1988.
- _____. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 60, p.3-14, 1987.
- APP-Sindicato. Resoluções do V Congresso Estadual, Educação e Cidadania, outubro, 1994.
- APP-Sindicato. Resoluções do VI Congresso Estadual, Em Defesa da Escola Pública, outubro, 1995.
- APP-Sindicato. Resoluções do VII Congresso Estadual, 50 Anos fazendo História, outubro, 1996.
- APP-Sindicato. Estatuto, 1995.
- APP-Sindicato. Propostas Político Pedagógicas, 1995.
- APP-Sindicato. Educação, gênero, raça & Classe. **Caderno Sindical**, n. 4, nov. 1995.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Geannetteiro : Zahar, 1981.
- BALCÃO, N.; GARCIA, I.; GODINHO, M. B. **O cotidiano da violência para as mulheres** : gênero e trabalho. São Paulo : Cajamar, 1995.
- BARROSO, C. A participação da mulher no desenvolvimento científico brasileiro. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 27, n.6, p. 613-29, jun. 1975.
- _____. Por que tão poucas mulheres exercem atividades científicas? **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 27, n. 7, p. 703-10, jul. 1975.

- BARROSO, C. **Mulher, sociedade e estado no Brasil**. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** : fatos e mitos. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENHABIB, S. ; CORNELL, D. **Feminismo como crítica da modernidade** : Releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher. Rio de Geannetteiro : Rosa dos Tempos, 1987.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar** : a aventura da modernidade. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- BONACCHI, G. ; GOPPI, A. (Orgs.). **O Dilema da Cidadania** : direitos e deveres das mulheres. São Paulo : UNESP, 1995.
- BORGES, R. W. **A Profissionalização feminina** : uma experiência no Ensino Público. São Paulo : Loyola, 1980.
- BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jun. 1996.
- BRUCHINI, C. Estudos sobre mulher e educação : algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 27, p. 3-18, dez. 1978.
- ____ ; AMADO, T. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.
- BUTLER, J. Variações sobre sexo e gênero: Beauvour, Wittig e Foucault. In: _____. **Feminismo como critica da modernidade** : releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher. Rio de Geannetteiro : Rosa dos Ventos, 1987.
- CANEVACCI, M. **Dialética da família**. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano** : artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COLLIN, F. **Diferença e diferendo**. A questão das mulheres na filosofia. História das Mulheres - O Século XX. São Paulo : Edições Afrontamento.
- CONNEL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- COSTA, A. O. Protagonistas ou coadjuvantes : Carlota e os Estudos Feministas. São Paulo. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 96, p. 66-70, 1996.

- COSTA, A. O. ; BRUCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero, Rio de Geannetteiro: Rosa dos Tempos**. São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 1992.
- CORNELL, D. ; THURSCHELL, A. Feminismo, negatividade, intersubjetividade. In: _____. **Feminismo como crítica da modernidade : Releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher**. Rio de Geannetteiro : Rosa dos Ventos, 1987.
- DELGADO, M. B. **Cadernos de Texto**. Instituto Cajamar, 1995. mimeo.
- ENGELS, F. A. **Origem da família, da propriedade privada e do estado**. Obras escolhidas. São Paulo : Alfa Omega. v. 3.
- ENGUITA, M. F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarianização. **Teoria & Educação**, n. 4, p. 41-61, 1991.
- FLANDRIN, J. L. **O sexo e o ocidente**. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Geannetteiro : Graal, 1986.
- GALEOTTI, E. A. Cidadania e diferença de gênero. O problema da dupla lealdade. In: _____. **O dilema da cidadania : direitos e deveres das Mulheres**. São Paulo : UNESP, 1995.
- GENOVESE, E. F. Para além da irmandade. **Estudos Feministas**, CIEC, UFRJ, Rio de Geannetteiro, 1992.
- GOMARIZ, E. Los Estudios de Género y sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas. **Isis Internacional**, n 17, 1992.
- GOUVEIA, A. J. **Professora de Amanhã : um estudo da escolha ocupacional**. São Paulo : Pioneira, 1970.
- GUTIÉRRES, R. **O feminismo é um humanismo**. Rio de Geannetteiro : Antares, 1985.
- HALL, C. Sweet Home. In: _____. **História da vida privada : da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
- HARVEY, D. A. **Condição pós-moderna**. São Paulo : Loyola, 1994.
- HEIBORN, M. L. Fazendo Gênero? A Antropologia Da Mulher No Brasil. In: _____. **Uma questão de gênero**. São Paulo : Rosa dos Tempos, 1992.
- HELLER, A. **O cotidianos e a história**. Rio de Geannetteiro : Paz e Terra, 1989.

- HIRATA, H.; KERGOAT, D. A classe operária tem dois sexos. **Estudos Feministas**, CIEC, UFRJ. Rio de Geannetteiro, n. 1, 1994.
- HUNT, L. Revolução Francesa e vida privada. In: _____. **História da vida privada** : da Revolução à Primeira Guerra. São Paulo : Companhia das Letras. 1995.
- INSTITUTO CAJAMAR. Cadernos de Textos, "Gênero e trabalho", 1995.
- LOBO, E. S. A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- LOPES, E. M. T. "Histoire de Femmes" : uma revisão bibliográfica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.
- _____. A Educação da Mulher, a Feminização do Magistério. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991.
- LOURO, G. L. **Nas redes do conceito de gênero** : gênero e saúde. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.
- LOURO, G. L. Gênero, história e educação : construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação** : uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.
- MADEIRA, F. R. A esposa professora e sua terceira ou quarta jornada de trabalho. **Revista ANDE**, São Paulo, v. 1, n. 4, p.22-25, 1982.
- MASSI, M. **Vida de mulheres**: cotidiano e imaginário. Rio de Geannetteiro : Imago, 1992.
- MEYER, D. E. **Do poder ao gênero** : uma articulação teórico-analítica. Gênero e Saúde. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.
- MICHEL, A. **Não aos estereótipos** : vencendo o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares. São Paulo : Conselho Estadual da Condição Feminina/Unesco, 1989.
- MORAES, M. (Org.). **História oral e multidisciplinariedade**. Rio de Geannetteiro : Diadorim, 1994.
- MORGAGE, G. El determinante de genero en el trabajo docente de la escuela primaria. **Cuadernos de Investigacion**, Buenos Aires, n. 12, 1992.
- MURARO, R. M. **Sexualidade da mulher brasileira** : corpo e classe social no Brasil. Petrópolis : Vozes, 1983.

- NOVAES, M. E. **Professora primária** : mestra ou tia? São Paulo : Cortez, 1991.
- OZGA, J. ; LAWN, M. O trabalho docente : interpretando o processo de trabalho do ensino. **Teoria & Educação**, n. 4, 1991.
- PERROT, M. Os atores. In: **História da vida privada** : da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.
- PROST, A. Fronteiras e Espaços do Privado. **História da vida Privada**, v.5 Companhia das Letras, 1995.
- ROSEMBERG, F. **Educação formal e mulher** : um balanço parcial da bibliografia in uma questão de gênero. São Paulo : Rosa dos Tempos, 1992.
- SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes** : mito e realidade. Petrópolis : Vozes, 1979
- _____. A Mulher sob o modo de produção capitalista. **Contexto**, São Paulo, n.1, 1976.
- _____. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: _____. **Uma questão de gênero**. São Paulo : Rosa dos Tempos, 1992.
- _____. : VARGAS, M. M. (Orgs.) **Mulher brasileira é assim**. Rio de Geannetteiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- SALLES, C. **Nos submundos da Antiguidade**. São Paulo : Brasileira, 1983.
- SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64. p.38-47, 1988.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n.2, jul./dez. 1990.
- SORJ, B. O Feminino como Metáfora da Natureza. **Estudos Feminista**, Rio de Geannetteiro, n. 0, 1992.
- _____. O Feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: _____. **Uma questão de gênero**. Rio de Geannetteiro : Rosa do Tempos ; São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 1992.
- _____. Gênero : uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- WACHOWICZ, L. A. **Relação professor - estado no Paraná Tradicional**. São Paulo : Cortez. 1984.
- WITAKER, D. **Mulher & Homem** : o mito da desigualdade. São Paulo : Moderna, 1988.